



LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO NA ALBUFEIRA DA BARRAGEM DA MARATECA (CASTELO BRANCO, 1986)

Archaeological Survey at the Marateca Reservoir (Castelo Branco, 1986)

Francisco Henriques e João Caninas, arqueólogos Associação de Estudos do Alto Tejo

Palavras-chave rio Ocreza, prospecção arqueológica, projecto hídrico
Key words Ocreza river, archaeological survey, dam water project

Vila Velha de Ródão, 2021

Resumo

Em 1986 o então Instituto Português do Património Cultural (IPPC) solicitou aos autores a realização de uma prospeção arqueológica preventiva no rio Ocreza, na área a submergir por uma barragem destinada ao abastecimento público a Castelo Branco. Os resultados obtidos foram documentados num relatório enviado ao IPPC e numa curta comunicação apresentada nas 2ª Jornadas da Beira Interior (1986) com posterior publicação nas respetivas atas. Neste texto divulga-se o referido relatório tornando mais acessíveis os dados obtidos durante aqueles trabalhos de campo.

Abstract

In 1986, the authors were invited by the Portuguese Institute of Cultural Heritage (IPPC) to carry out a preventive archaeological survey on the Ocreza River, in the area to be submerged by a reservoir intended for public supply to the region of Castelo Branco. The results obtained were documented in a report sent to the IPPC and in a short communication presented at the 2nd Jornadas da Beira Interior (1986) and published in the proceedings book. This text seeks to publish the aforementioned report, making the data obtained during those field works more accessible.

Introdução

Divulgam-se de forma completa, embora com algumas atualizações¹ comparativamente com o texto original, os resultados da prospeção arqueológica

executada pelos signatários na área que veio a ser submersa pela barragem da Marateca também denominada de Santa Águeda, abrangendo território pertencente aos concelhos de Castelo Branco e Fundão.

Aquando da prospeção arqueológica, a empreitada de construção da barragem havia sido iniciada alguns meses antes. O objetivo desta missão foi fazer um reconhecimento sistemático, com carácter de urgência, do património arqueológico existente na área que ficaria submersa (Figura 1) e propor medidas de minimização para a sua salvaguarda. As medidas propostas não chegaram a ser executadas, num tempo em que a avaliação de impacte ambiental ainda não estava instituída no quadro legislativo português,

O trabalho de campo foi executado entre 23 e 30 setembro de 1986 (Figura 2) sob convite e com o apoio financeiro do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), através do seu Departamento de Arqueologia, ao tempo dirigido pelo arqueólogo António Carlos Silva. Tratou-se de uma contratação exterior, de um serviço que o Estado não teria possibilidade de executar e que de acordo com as normas atuais seria imputável ao dono-da-obra². Participaram no trabalho de campo cinco pessoas³, formando, quase sempre duas equipas.

Após executado o trabalho de campo foram entregues dois relatórios ao Departamento de Arqueologia do IPPC, uma versão preliminar e uma versão final, em dezembro de 1986.

Dez dias depois da conclusão do trabalho de campo fez-se uma apresentação pública dos resultados obtidos nas II Jornadas da Beira Interior (10 a 12 de outubro de 1986)⁴, organizadas pelo Jornal do Fundão, em Monfortinho. A comunicação, muito sintética, posteriormente publicada nas respetivas atas (Henriques & Caninas,

¹ Para a presente edição não tivemos oportunidade de estudar os materiais recolhido em campo (à guarda da Associação de Estudos do Alto Tejo, em Vila Velha de Ródão) visando a revisão das cronologias propostas no relatório original.

² Esta contratação acompanhava, de alguma forma, a recomendação feita em 1980 nas conclusões e recomendações do 1º Encontro Nacional das Associações de Defesa do Património Cultural e

Natural (Macedo, 2018:201-202), no sentido de uma maior vinculação daquelas associações às instâncias não só consultivas mas também técnicas do Estado no domínio do Património Cultural.

³ João Carlos Caninas, Francisco Henriques, Maria dos Anjos Tavares, Paulo Alexandre Marques e Ricardo Jorge Henriques.

⁴ As primeiras Jornadas da Beira Interior tiveram lugar no Fundão em 1984.

1988: 189-198), serviu principalmente para divulgar as medidas de minimização propostas, ainda a tempo de serem executadas. Mais recentemente (Salvado, 2020), aqueles resultados foram citados em obra coletiva referente a Póvoa de Rio de Moinhos.

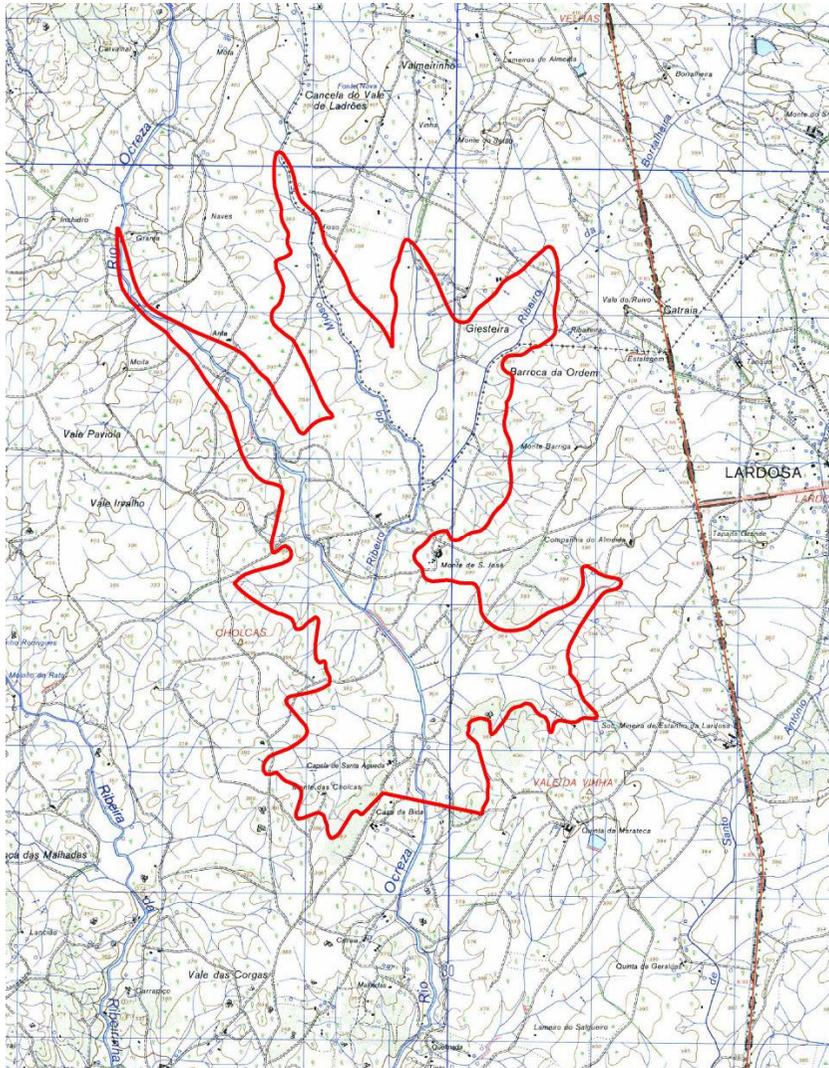


Figura 1. Localização da albufeira sobre extrato da folha 268 da Carta Militar de Portugal (Fonte: SCE, 1974)

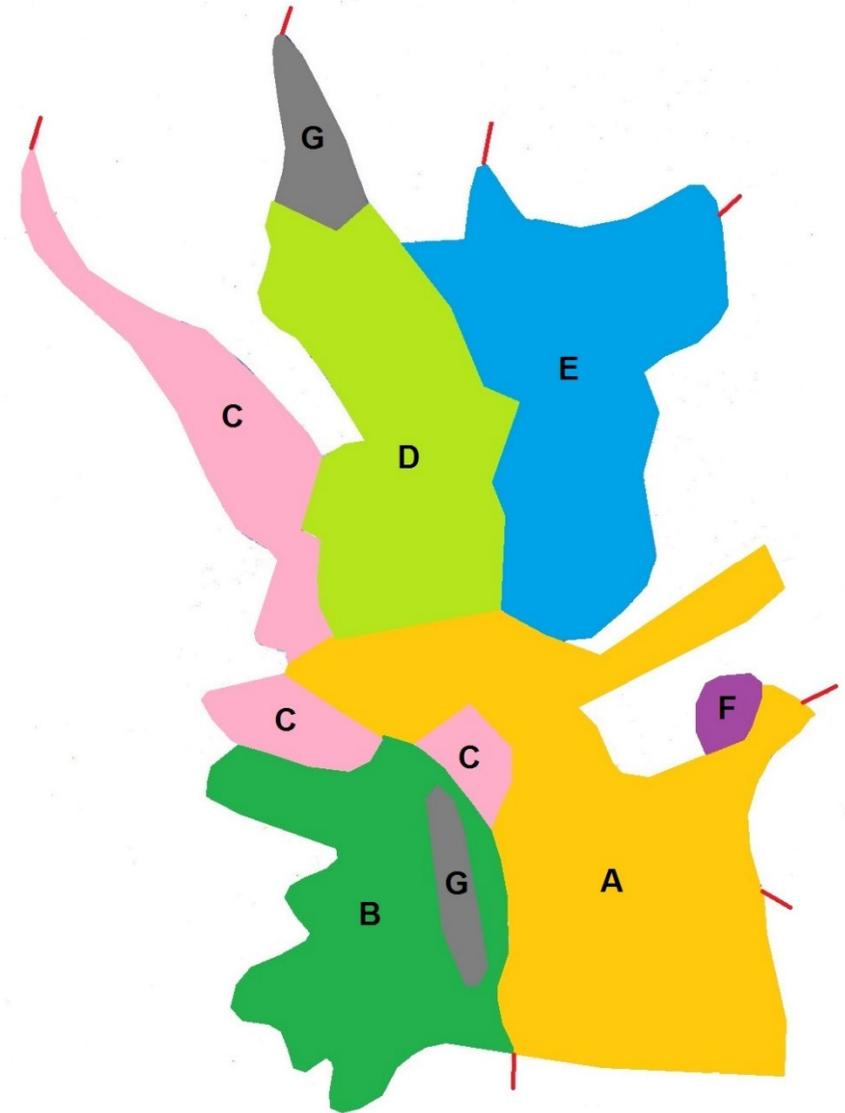


Figura 2. Zonamento temporal da prospeção arqueológica (legenda A – 23 de setembro de 1986; B – 24 de setembro de 1986; C – 25 de setembro de 1986; D – 26 de setembro de 1986; E – 27 de setembro de 1986; F – 28 de setembro de 1986; G - solos mobilizados por maquinaria)

Um dos melhores contributos daquele trabalho e do presente estudo é o catálogo dos sítios observados em campo (Anexo 3) no qual constam 45 ocorrências, a última das quais posta a descoberto durante as obras da barragem e sujeita a intervenção arqueológica de emergência executada por Rogério de Carvalho e Clara Vaz Pinto. Neste catálogo, para as ocorrências com código nacional de sítio (CNS) deu-se prioridade de citação aos topónimos usados naquela base de dados da Direção Geral do Património Cultural. Os esboços à vista incluídos nas fichas descritivas dos sítios foram tintados por Mário Monteiro que fez idêntico tratamento do levantamento gráfico da planta e alçados de uma antiga ponte (ocorrência 7, Figura 3), fornecidos pela Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos.

Nos últimos anexos divulgam-se imagens de paisagens e de construções documentadas pelos autores tanto na área de prospeção como em Lardosa, a povoação que nos albergou. Numa dessas fotografias (Anexo 5) documenta-se uma estrutura troncocónica, maciça, encimada por pequena plataforma circular, em telha de canudo, para suporte de ninho de cegonha. Foi construída pelo proprietário sobre um afloramento de granito para garantir uma maior elevação.

Enquadramento

A barragem da Marateca localiza-se cerca de 17km a noroeste da cidade de Castelo Branco e visou abastecer de água aquela cidade e algumas povoações do seu aro. A obra foi projetada em 1982 e a respetiva empreitada decorreu entre o primeiro trimestre de 1986 e 1991 (inauguração). Era uma barragem de aterro com 1054m de comprimento por 7,6m de largura. A superfície inundável, em pleno armazenamento, era de 6,34km². Tem uma capacidade total de 37200 dam³, uma cota máxima de 385,5m e uma cota de coroamento de 387,9m.

A albufeira ocupou espaços pertencentes aos concelhos de Castelo Branco (na atual União das freguesias de Póvoa Rio de Moinhos e Cafede e freguesias de Lardosa e

Louriçal do Campo) e do Fundão, no extremo sul da freguesia de Soalheira, entre os ribeiros do Mioso e da Borracheira.

Este reservatório situa-se a oeste da EN 18, no troço entre Castelo Branco e Fundão, sendo servida, atualmente, pela EM1230. Em 1986 era provida de um caminho de terra batida. Localiza-se cerca de 3km a oeste de Lardosa e à mesma distância, a nordeste, situam-se Tinalhas e Póvoa Rio de Moinhos. A oeste, as povoações mais próximas são Ninho do Açor e Sobral do Campo. A norte, destaca-se no horizonte a serra da Gardunha.

Não existia nenhuma povoação no espaço ocupado por aquela albufeira. Contudo, no seu interior existiam diversos montes agrícolas, com casa do proprietário ou arrendatário, estábulos, queijeiras e outras instalações, por vezes separadas, e casas isoladas, uma parte das quais em abandono e avançado estado de ruína. Todas as construções eram em granito, com blocos aparelhados nas esquinas, nas janelas e nas portas e telhados com telha de canudo ou mourisca. Os edifícios de habitação eram geralmente de primeiro andar com escadas e balcão exterior para acesso. Os edifícios destinados aos animais ou alfaias agrícolas tinham um único piso, térreo.

À época todos os terrenos não ocupados pelos afloramentos de granito eram utilizados ou na agricultura, com o cultivo do milho, do feijão-frade e do centeio, ou como pastagem para o gado lanígero. A espécie arbórea predominante, espontânea, era o carvalho (*Quercus pyrenaica*), quase exclusivamente limitado às manchas de afloramentos. Também se observaram manchas circunscritas de pinhal, embora raras. Existiam alguns olivais, geralmente novos, e sobreiros dispersos. Os três principais cursos de água estavam quase completamente enquadrados por renques contínuos de frondosas árvores (galeria ripícola). Entre os tipos arbustivos merecia realce a giesta.

O principal curso de água, o rio Ocreza, atravessava esta área com uma orientação aproximada de noroeste – sudeste. A norte do coroamento da barragem, a cerca de

1km de distância, o ribeiro do Mioso desaguava na margem esquerda do referido rio. Na margem esquerda do Mioso desaguava o ribeiro da Borracheira, cerca de 500m a norte do Monte de São José. Excetuando o rio Ocreza, os outros cursos de água tinham características pluviais, sazonais.

Do ponto de vista morfológico a área a submergir pode considerar-se uma planície, com suaves elevações e linhas de água pouco pronunciadas. As cotas, de reduzida amplitude, variam entre 360m e 380m. O solo era constituído por areias grosseiras oriundas da erosão e da meteorização do granito. Esta observação é também válida para os terrenos aluvionares que abrangem uma estreita faixa situada em ambas margens do rio Ocreza, embora incluindo manchas de areias finas, compactas e de tonalidade castanha-acinzentada.

À data não estava publicada a folha 24B da Carta Geológica de Portugal. Contudo, é possível afirmar que a área de pesquisa tinha como suporte granitoides orogénicos tardi-Variscos (315-300 MA), com granito de duas micas, predominantemente biotítico e de textura granular. Os afloramentos tinham quase sempre pequeno desenvolvimento em superfície.

Antecedentes e acontecimentos posteriores

A primeira notícia arqueológica referente a esta área, da autoria de Francisco Tavares Proença Júnior, remonta à primeira década do século XX. É uma simples referência a vestígios romanos em Santa Águeda⁵. A referência seguinte é uma informação oral, datada de 1977, transmitida por Pedro Salvado. Naquele ano, António Joaquim Pereira Nunes, na altura estudante do liceu Nuno Álvares, de Castelo Branco, referiu ter relocado a estação de superfície romana de Santa Águeda, informou o seu amigo Pedro Salvado e ambos visitaram o sítio. Na ocasião

foi recolhido material à superfície constituído por cerâmica comum e de construção (tégulas e fundos de vasilha). Este espólio foi inicialmente depositado no liceu mencionado sendo transferido mais tarde para o Museu Francisco Tavares de Proença Júnior.

Entretanto, a falta de água para consumo público na cidade de Castelo Branco era um problema grave e repetitivo⁶ que urgia resolver. Um artigo publicado no jornal Reconquista, em 1983, é um dos muitos textos que documentam esta realidade. O título é sugestivo *Novo racionamento de Água a Castelo Branco* (Repórter Beirão, 1983: 3 e 5). De facto, a barragem do Pisco, que abastecia Castelo Branco, era insuficiente para o consumo exigido. Aguardavam-se sempre chuvas tardias que aumentassem a reserva de água e que minorassem aquela carência. A situação agravou-se com o fornecimento de água, com esta origem, a outras freguesias, com o crescimento da cidade e a necessidade de alimentar a malha industrial que se foi instalando na periferia urbana. Os vários furos existentes para captação de água eram insuficientes e nesta data já havia um plano gizado para a construção de uma nova barragem no rio Ocreza.

Perguntava então o Repórter Beirão (1983:5) “quanto ao concurso para a construção da Barragem, desconhecem-se quais as causas que obstam a que o mesmo não tenha sido ainda aberto, dado que, quando da visita do Primeiro-Ministro Pinto Balsemão, a esta cidade, esse lançamento foi por ele previsto para fins de novembro do ano findo”.

Visando a proteção preventiva do património arqueológico na área de incidência daquele projeto, em 3 de setembro de 1985 o IPPC enviou ofício à Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos reclamando “bem localizar e caracterizar os valores arquitetónicos que irão ser submersos pela albufeira da Barragem da Marateca”. A resposta emitida em 31 de julho de 1986 (Anexo 1) inclui os seguintes documentos: “carta, à escala 1/5000, da zona da barragem da Marateca

⁵ Dias (1972:16): “Há importantes vestígios romanos em St. Águeda propriedade do Menino Gordo da Póvoa (Rio de Moinhos) e de Francisco Costa”.

⁶ Sobre este assunto ver Serôdio Jr. (1986), Calmeiro (1986) e Cunha (1986).

com a localização dos valores arqueológicos que detetamos e que vão ser submersos pela albufeira que aquela barragem irá criar; plantas e alçados (dois desenhos) da ponte Romana e da capela que estão localizados na respetiva carta; sete fotografias dos referidos valores arqueológicos.”

Em março de 1986 um dos signatários (João Caninas) recebeu ofício do IPPC com convite para a execução do inventário arqueológico da área a submergir (Anexo 1): *“segundo notícias da imprensa regional, foram recentemente iniciados os trabalhos de construção da Barragem de Marateca (Castelo Branco). Estando por efetuar o levantamento arqueológico das áreas a afetar por aquela obra, tendo em conta os trabalhos de levantamento arqueológico que tem efetuado no distrito de Castelo Branco, vimos propor a V. Ex^a que pondere a hipótese de se vir a encarregar daquele urgente trabalho.”* Aceite o convite, é contactado pelo Diretor do Departamento de Arqueologia do IPPC para apresentar um plano de trabalho e respetivo orçamento⁷. Algum tempo depois obteve-se autorização para a realização do trabalho de campo.

Entretanto, em maio de 1986 o professor João Ribeiro (1986:1 e 5) chama a atenção para o problema nas páginas do jornal Reconquista, criticando as autoridades responsáveis pela ausência de trabalhos de registo patrimonial, tanto na barragem da Marateca como na barragem de Meimoa e pede publicamente apoio para salvaguardar o património cultural que irá ficar submerso.

Em finais de setembro de 1986, na primeira página do canto inferior direito do Jornal Reconquista (edição nº 2121 de 26 de setembro), foi publicado pequeno texto propondo a *transplantação “da ponte romana como marco histórico e índice duma civilização que por aqui pairou e deixou marcas indeléveis da ponte”* e pergunta o articulista se *“não seria de tentar o seu “transplante” para um local adequado onde pudesse continuar a sua função memorativa e cultural?”*

Continuando o percurso temporal relativo às intervenções arqueológicas na área daquela albufeira, em 26 de junho de 1987, aparece a público novo testemunho do jornalista Florentino Beirão, com o título *“Obras na Marateca puseram a descoberto ruínas romanas”*. Na primeira página além do título foi projetada uma imagem com um pormenor de um forno romano, sendo já visível a acumulação de água na albufeira. Os responsáveis por aqueles trabalhos foram Rogério de Carvalho, técnico superior do IPPC, e Clara Vaz Pinto, conservadora do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior. Os trabalhos tiveram o apoio da Câmara Municipal de Castelo Branco, através de subsídio e cedência temporária de material, do Gabinete de Apoio Técnico, do Centro de Emprego, da construtora da barragem, a empresa A. Veiga, da Junta Autónoma das Estradas e da Junta de Freguesia de São Vicente da Beira, com cedência de três trabalhadores. Lê-se no mesmo artigo que as obras colocaram a descoberto um forno de tijolo e uma casa de apoio agrícola que foram praticamente destruídos. Dias mais tarde apareceu um grande pote cerâmico (*dolium*), momento em que os responsáveis da obra e as autoridades foram alertados para aquela descoberta.

No Jornal do Fundão, de 7 de agosto 1987, Luis Rosa refere que o sítio (Vila de Seia ou Barreira da Igreja) se localizava a duas centenas de metros da capela e que o achado ocorreu quando se removia solo para a construção do paredão da barragem. Segundo o articulista, os trabalhos de arqueologia iniciaram-se numa pequena elevação, perto do local onde o forno foi destruído. Rogério de Carvalho afirma que *“o meu papel era confirmar essas informações [presença de vestígios romanos] e conseguir novas. Quando, porém, entrei em contacto com a empresa fui informado de que as escavadoras já haviam posto a descoberto estruturas romanas, entre as quais um forno, irremediavelmente perdido. Tendo em conta estes factos decidiu-se por uma escavação de emergência”*.

O aparecimento de objetos da época romana gerou uma invasão de curiosos, atraídos por histórias antigas de potes cheios de moedas de ouro. Segundo o mesmo

⁷ “Plano sumário para a Carta Arqueológica da região a submergir pela albufeira da Barragem da Marateca – Castelo Branco”.

artigo, “houve mesmo “estudiosos” que munidos de pás e picaretas tentaram escavar ou melhor, escavar, por conta própria. Os arqueólogos tiveram mesmo que solicitar ajuda às forças da GNR para conterem esses amadores da história. Isto porque os trabalhos tardavam em começar”. O arqueólogo responsável refere ainda que “na fase inicial tivemos algumas dificuldades que foram parcialmente ultrapassadas, principalmente no que tocou a conseguir apoios e colaboração de algumas entidades locais”. E termina informando que a ocupação romana naquele local aponta “para um único período de ocupação, pois não há qualquer indício de reconstrução, pelo que será possível a datação dos materiais encontrados à superfície.”

Acerca do forno e dos vestígios de construções romanas postas a descoberto pelas obras da Barragem foram publicados quatro textos. Dois são da responsabilidade de Rogério de Carvalho (1991 e 1994) e dois outros foram publicados em coautoria com Clara Vaz Pinto (1992-1993 e 1994).

Os resultados das escavações ali efetuadas são apresentados em 1987, nas I Jornadas de História Regional do Distrito de Castelo Branco⁸, mas são publicados apenas em 1994. Neste trabalho é referido que o achado se deu no mês de março de 1987 e os trabalhos de campo decorreram entre os meses de junho a agosto e em outubro, do mesmo ano. Os autores abordam os trabalhos anteriores na área, as condições de achado, a metodologia aplicada, as estruturas detetadas, o espólio e divulgam a planta da área escavada onde se inclui o forno e o casario associado. Informam que, devido aos danos provocados pela obra, os registos estratigráficos desapareceram ou encontram-se parcialmente destruídos.

O trabalho seguinte foi apresentado por Rogério de Carvalho, em 1990, nas IV Jornadas Arqueológicas, promovidas pela Associação dos Arqueólogos Portugueses, e publicado em 1991. O autor apresenta de modo abreviado as condições do achado, a metodologia aplicada, o desenvolvimento dos trabalhos de escavação, os resultados obtidos, o enquadramento com outros achados próximos

da mesma tipologia, a planta geral, a planta e o alçado oeste do forno, a localização sobre CMP 268 e duas fotografias com pormenores da estrutura do forno.

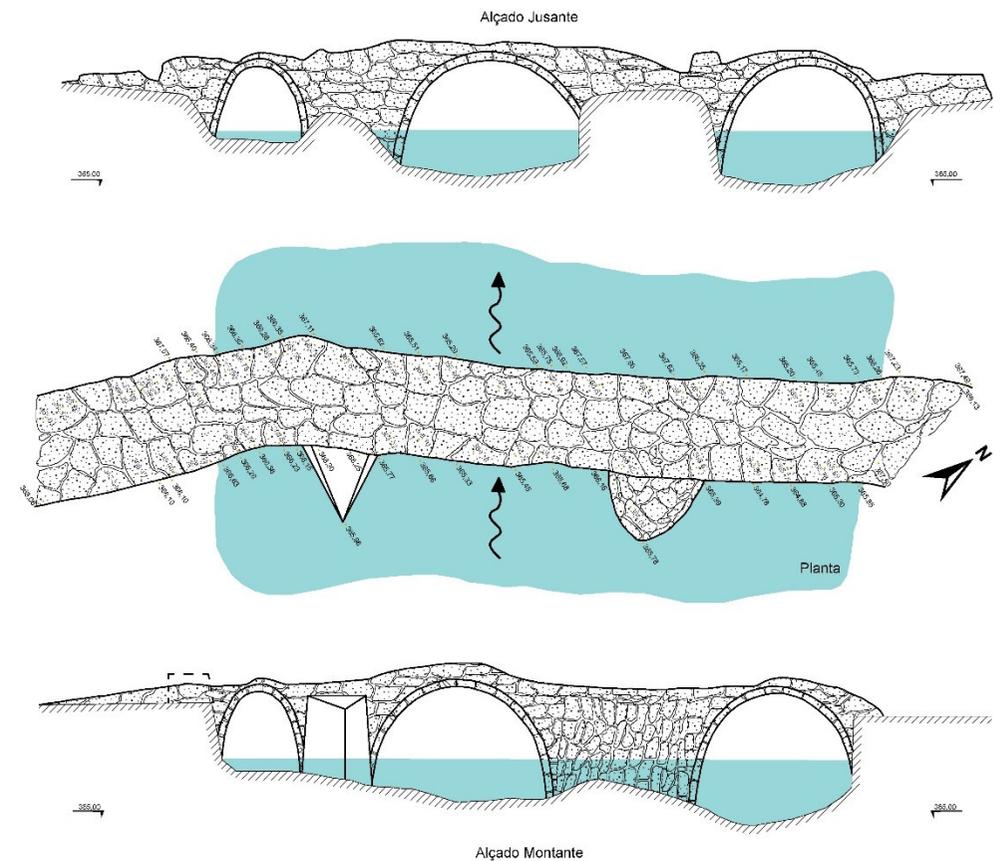


Figura 3. Planta e alçados da ocorrência 7 (ponte) fornecidos pela Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos com tratamento gráfico e tintagem de Mário Monteiro (EMERITA).

O texto que Carvalho & Pinto (1992-1993:293) publicam na revista Portugália é, talvez, o mais completo. Repetem parte da informação de textos anteriores, mas discutem a metodologia e as opções adotadas. O espólio é constituído maioritariamente por cerâmica comum e chamam a atenção para a variedade

⁸ Jornadas organizadas pela Associação Portuguesa dos Professores de História de 13 a 15 de novembro de 1987.

Quadro 1. Ocorrências inventariadas em pesquisa documental e prospeção arqueológica

N.º	Topónimo CNS Categoria	Tipo de sítio Cronologia	Fonte de informação
1	Vale da Vinha 1 1689 Arqueológico	Vestígios de superfície Neolítico-Calcolítico	Batista e Henriques (1982) e Henriques e Caninas (1986, 1988)
2	Vale da Vinha 2 -- Arqueológico	Achado isolado Neolítico-Calcolítico	Henriques e Caninas (1986, 1988)
3	Davida Linda 1 16824 Arqueológico	Arte rupestre Neolítico-Calcolítico	Henriques e Caninas (1986, 1988)
4	Cabeço das Damas 20461 Arqueológico	Vestígios de superfície Época Romana	Henriques e Caninas (1986, 1988)
5	Ponte 16825 Arqueológico	Vestígios de superfície Neolítico-Calcolítico	Henriques e Caninas (1986, 1988)
6	Santa Águeda 11183 Arqueológico	Vestígios de superfície Época Romana	Henriques e Caninas (1986, 1988)
7	Marateca 321 Arqueológico	Ponte Época Romana (?) - Medieval	Direção Geral dos Serviços Hidráulicos; Reconquista (1986); Henriques e Caninas (1986, 1988); Alarcão 1988
8	Capela de Santa Águeda 1 --- Arquitetónico	Capela Época Moderna	Direção Geral dos Serviços Hidráulicos; Henriques e Caninas (1986, 1988)
9	Capela de Santa Águeda 2 -- Arqueológico	Vestígios de superfície Pré-histórica à Época Moderna	Henriques e Caninas (1986, 1988)
10	Capela de Santa Águeda 3 -- Arqueológico	Lagareta Indeterminada	Henriques e Caninas (1986, 1988)
11	Capela de Santa Águeda 4 -- Arqueológico	Lagar Romano - Medieval	Henriques e Caninas (1986, 1988)
12	Capela de Santa Águeda 5 -- Arqueológico	Indeterminado Romano - Medieval	Henriques e Caninas (1986, 1988)

13	Capela de Santa Águeda 6 -- Arqueológico	Arte rupestre Neolítico-Calcolítico	Henriques e Caninas (1986, 1988)
14	Capela de Santa Águeda 7 -- Arqueológico	Arte rupestre Neolítico-Calcolítico	Henriques e Caninas (1986, 1988)
15	Capela de Santa Águeda 8 -- Arqueológico	Vestígios de superfície Medieval – Moderno	Henriques e Caninas (1986, 1988)
16	Herdade do Vale de Monsanto 1 -- Arqueológico	Marco de propriedade Medieval – Moderno	Henriques e Caninas (1986, 1988)
17	Herdade do Vale de Monsanto 2 -- Arqueológico	Marco de propriedade Medieval – Moderno	Henriques e Caninas (1986, 1988)
18 / 19	Herdade do Vale de Monsanto 3 -- Arqueológico / etnográfico	Pia Moderno - Contemporâneo	Henriques e Caninas (1986, 1988)
20	Rio Ocreza 1 -- Arquitetónico	Ponte Moderno - Contemporâneo	Henriques e Caninas (1986, 1988)
21	Rio Ocreza 2 -- Arqueológico	Via Moderno – Contemporâneo (?)	Henriques e Caninas (1986, 1988)
22	Fonte dos Amores 16970 Arqueológico	Achado isolado Neolítico-Calcolítico	Henriques e Caninas (1986, 1988)
23/ 24	Cholcas 1 Etnográfico	Açude e paredões Época Contemporânea	Henriques e Caninas (1986, 1988)
25	Fonte da Anta 1 Etnográfico	Açude Época Contemporânea	Henriques e Caninas (1986, 1988)
26	Valado Vicente ou Tapada do Caixão 16829 Arqueológico	Sepultura Medieval	Henriques e Caninas (1986, 1988)
27	Tapada do Caixão 16906 Arqueológico	Vestígios de superfície Época Romana	Henriques e Caninas (1986, 1988)
28	Monte de São José 1 -- Arqueológico	Lagariça Indeterminada	Henriques e Caninas (1986, 1988)

Levantamento arqueológico na albufeira da barragem da Marateca (Castelo Branco, 1986)

Francisco Henriques e João Caninas

29	Monte de São José 2 -- Arqueológico	Covinha Indeterminada	Henriques e Caninas (1986, 1988)
30	Cholcas 2 16931 Arqueológico	Vestígios de superfície Medieval - Moderno	Henriques e Caninas (1986, 1988)
31 / 32	Cholcas 3 11182 Arqueológico	Achados isolados Paleolítico	Henriques e Caninas (1986, 1988)
33	Fonte da Anta 2 11186 Arqueológico	Vestígios de superfície Mesolítico, Neolítico e Época Romano	Henriques e Caninas (1986, 1988)
34	Fonte da Anta 3 11187 Arqueológico	Vestígios de superfície Época Romana	Henriques e Caninas (1986, 1988)
35	Fonte da Anta 4 11188 Arqueológico	Vestígios de superfície Neolítico	Henriques e Caninas (1986, 1988)
36	Monte de São José 3 -- Arqueológico	Calçada Moderno - Contemporâneo	Henriques e Caninas (1986, 1988)
37	Companhia do Almeida 11191 Arqueológico	Vestígios de superfície Neolítico-Calcolítico	Henriques e Caninas (1986, 1988)
38- 39	Ribeiro do Mioso 11198 Arqueológico	Vestígios de superfície Neolítico e Época Romana	Henriques e Caninas (1986, 1988)
40	Giesteira / Ribeiro do Mioso 1 -- Arqueológico	Vestígios de superfície Neolítico	Henriques e Caninas (1986, 1988)
41	Monte de São José 4 11260 Arqueológico	Vestígios de superfície Neolítico-Calcolítico	Henriques e Caninas (1986, 1988)
42	Giesteira / Ribeiro do Mioso 2 11261 Arqueológico	Vestígios de superfície Neolítico	Henriques e Caninas (1986, 1988)
43	Giesteira 11262 Arqueológico	Vestígios de superfície Época Romana	Henriques e Caninas (1986, 1988)

44	Davida Linda 2 11266 Arqueológico	Vestígios de superfície Neolítico - Calcolítico	Henriques e Caninas (1986, 1988)
45	Barreira da Igreja 14151 Arqueológico	Forno Época Romana	Beirão 1987; Rosa 1987; Carvalho 1991; Carvalho & Pinto 1993; Carvalho 1994

Atualmente está atribuído CNS apenas a 58% dos sítios arqueológicos do Quadro 1. Os restantes 42% (16 casos) não constam no Inventário da DGPC, com especial destaque para a área envolvente da Capela de Santa Águeda.

As 45 ocorrências inventariadas, independentemente da categoria, integram um amplo espectro cronológico, que vai do Paleolítico à Época Contemporânea, com especial destaque para os períodos que medeiam entre o Neo-Calcolítico e a Época Romana - Medieval, com mais de 50% das ocorrências.

É igualmente elevada a diversidade de ocorrências inventariadas, embora predominem os vestígios de superfície, de várias épocas. Destacam-se, pelo tipo de atenção que mereceram, embora em condições adversas, o forno e o casario de apoio situado na Barreira da Igreja (ficha nº 45) e naturalmente a chamada “ponte romana” (ficha nº 7).

Medidas de minimização propostas

A primeira chamada de atenção, identificada na imprensa regional, para a ausência de medidas de salvaguarda do património na área a submergir pela albufeira da Barragem da Marateca, é da responsabilidade de João Ribeiro (1986) e foi publicada no jornal Reconquista em 23 de maio de 1986. O autor critica a atitude das autoridades culturais relativamente à ausência de trabalhos arqueológicos na área a submergir pelas barragens da Marateca e Meimoa e apela aos arqueólogos que colaboraram, nos anos 70, no registo da arte do Tejo que exerçam a sua influência de modo a salvaguardar o património cultural em causa. O pedido é extensivo ao

Museu Francisco Tavares de Proença Júnior, de Castelo Branco, às autarquias de Penamacor e de Castelo Branco, ou pelo menos a algum vereador mais sensibilizado.

O segundo texto é da responsabilidade da Reconquista (1986: 26 de setembro) e aponta a necessidade de “transplantação” da ponte, salientando que *“A foto acima [O artigo surge na primeira página no canto inferior direito e tem a fotografia de um sujeito, de costas, com a ponte ao fundo] reproduz os restos da ponte romana como marco histórico e índice duma civilização que por aqui pairou e deixou marcas indeléveis. Mas – está sentenciado – vai ser submersa pelas águas que ali vão ser represadas. É pena. Parece dizê-lo também, o turista (por sinal francês) que a contempla absorto depois de a recolher em filme, na altura em que nós fizemos o mesmo. A pergunta: não seria de tentar o seu “transplante” para um local adequado onde pudesse continuar a sua função memorativa e cultural?”*

Quanto à melhor solução para a salvaguarda da ponte defendemos uma posição contrária à anteriormente veiculada, que consistia na sua transposição para outro local, tendo em consideração o investimento necessário, o estado de conservação daquela construção, entre outros aspetos. Optámos por focar a atenção em todo o património arqueológico e construído da área a submergir e não apenas nesta ponte, porque julgámos de primordial importância o conhecimento da evolução do povoamento neste vale. Este último objetivo conseguir-se-ia com recurso a sondagens e a escavações arqueológicas em diversos sítios, tal como proposto no Quadro 2. Sendo os recursos sempre escassos preferíamos investi-los noutros objetivos que não o de uma simples trasladação. Em alternativa preconizou-se a execução de um levantamento topográfico e fotogramétrico rigoroso daquela obra de arte viária, sendo recomendável identificar e solucionar os problemas provocados pela sua submersão, de forma a manter-se visitável após a desativação da barragem. Esgotava-se deste modo e temporariamente a contribuição do monumento para o conhecimento científico e perdia-se o seu valor afetivo e didático, que considerámos secundário face a outras prioridades, nomeadamente, um melhor conhecimento de um restante património.

Face ao avanço da obra alertamos para o risco de expansão do enorme aterro criado escassos metros a oeste da capela de Santa Águeda. O seu avanço ameaçava o sítio arqueológico de Santa Águeda (ficha 15) e um afloramento com covinhas (ficha 14). E no caso de ser intenção do IPPC promover escavações no referido sítio seria urgente suspender novos depósitos de inertes naquele local. De referir ainda, as mobilizações de solo que durante a campanha de prospeção estavam em curso na periferia da albufeira, na margem esquerda. A continuação dessa operação iria destruir alguns dos sítios arqueológicos identificados.

As medidas de minimização propostas não foram executadas

Quadro 2. Medidas de minimização propostas ao IPPC

Nº	Topónimo Tipo de sítio	Medidas de minimização propostas
1	Vale da Vinha 1 Vestígios de superfície	Não são propostas medidas
2	Vale da Vinha 2 Achado isolado	Recolha do moinho
3	Davidá Linda 1 Arte rupestre	Melhor documentação gráfica
4	Cabeço das Damas Vestígios de superfície	Não são propostas medidas
5	Ponte Vestígios de superfície	Realizar de uma sondagem arqueológica. Uma possível escavação dependerá dos resultados da sondagem inicial.
6	Santa Águeda Vestígios de superfície	Não são propostas medidas
7	Marateca Ponte	Levantamento topográfico do monumento e realizar fotogrametria. Identificar e solucionar os problemas provocados pela submersão. Não se preconiza a transposição do monumento.
8	Capela de Santa Águeda 1 Capela	Segundo informação será erigida uma nova capela com o recheio da atual.
9	Capela de Santa Águeda 2 Vestígios de superfície	Não são propostas medidas
10	Capela de Santa Águeda 3 Lagareta	Não são propostas medidas

Levantamento arqueológico na albufeira da barragem da Marateca (Castelo Branco, 1986)

Francisco Henriques e João Caninas

11	Capela de Santa Águeda 4 Lagar	Registar graficamente o monumento com desenho e fotografia de qualidade.
12	Capela de Santa Águeda 5 Indeterminado	Não são propostas medidas
13	Capela de Santa Águeda 6 Arte rupestre	Registar graficamente o monumento com desenho e fotografia de qualidade.
14	Capela de Santa Águeda 7 Arte rupestre	Registar graficamente o monumento com desenho e fotografia de qualidade.
15	Capela de Santa Águeda 8 Vestígios de superfície	Abrir vala de sondagem que seria ampliada se os resultados o justificassem.
16	Herdade do Vale de Monsanto 1 Marco de propriedade	Não são propostas medidas
17	Herdade do Vale de Monsanto 2 Marco de propriedade	Registar, com qualidade gráfica, o monumento.
18 e 19	Herdade do Vale de Monsanto 3 Pia	Não são propostas medidas
20	Rio Ocreza 1 Ponte	Registar, com qualidade gráfica, o monumento.
21	Rio Ocreza 2 Via	Registar, com qualidade gráfica, o monumento.
22	Fonte dos Amores Achado isolado	Não são propostas medidas
23 e 24	Cholcas 1 Açude e paredões	Não são propostas medidas
25	Fonte da Anta 1 Açude	Não são propostas medidas
26	Valado Vicente ou Tapada do Caixão Sepultura	Registar, com qualidade gráfica, o monumento.
27	Tapada do Caixão Vestígios de superfície	Não são propostas medidas
28	Monte de São José 1 Lagariça	Registar, com qualidade gráfica, o monumento.
29	Monte de São José 2 Covinha	Registar, com qualidade gráfica, o monumento.
30	Cholcas 2 Vestígios de superfície	Não são propostas medidas
31 e 32	Cholcas 3 Achados isolados	Não são propostas medidas

33	Fonte da Anta 2 Vestígios de superfície	Abrir vala de sondagem que seria ampliada se os resultados o justificassem.
34	Fonte da Anta 3 Vestígios de superfície	Abrir vala de sondagem.
35	Fonte da Anta 4 Vestígios de superfície	Não são propostas medidas
36	Monte de São José 3 Calçada	Registar, com qualidade gráfica, a calçada.
37	Companhia do Almeida Vestígios de superfície	Abrir vala de sondagem para avaliar do interesse do bloco granítico e do sítio.
38 e 39	Ribeiro do Mioso Vestígios de superfície	Não são propostas medidas
40	Giesteira / Ribeiro do Mioso 1 Vestígios de superfície	Não são propostas medidas
41	Monte de São José 4 Vestígios de superfície	Abrir vala de sondagem que seria ampliada se os resultados o justificassem.
42	Giesteira / Ribeiro do Mioso 2 Vestígios de superfície	Abrir vala de sondagem.
43	Giesteira Vestígios de superfície	Não são propostas medidas
44	Daída Linda 2 Vestígios de superfície	Não são propostas medidas
45	Barreira da Igreja Forno	Não são propostas medidas

Comentários finais

A presença do rio Ocreza enquanto curso de água permanente, a morfologia suave das margens e a qualidade do solo devem ter contribuído para uma longa ocupação humana deste vale.

Observando a distribuição espacial das ocorrências, independentemente da sua tipologia e cronologia, identificou-se uma densidade superior na parte meridional da área a submergir. A presença de um espaço sagrado e sobretudo de uma via antiga, bem evidenciada pela velha ponte sobre o rio Ocreza, devem ter contribuído para

esta concentração, embora existam ocorrências de cronologias mais antigas. As restantes materialidades⁹ distribuíam-se pelo espaço a inundar de um modo quase uniforme, sem concentração.

Da época romana à atualidade o tipo de ocupação do solo não terá variado substancialmente, sendo caracterizada por explorações agrícolas, por entre os afloramentos, pontuadas por pequenas construções de apoio.

A norte da área a inundar, na zona do Vale de Paviola, regista-se o fenómeno mencionado por um dos signatários Caninas (2020), em estudo sobre o megalitismo beirão (Caninas, 2019), que correlaciona os termos *mota*, *moita* e *anta* com monumentos megalíticos. Numa pequena área, em ambas as margens do rio Ocreza a folha 268 da Carta Militar de Portugal regista os topónimos Moita, na margem direita, e na margem esquerda, à mesma latitude, o topónimo Anta. Nesta mesma margem, cerca de 750m a norte do sítio da Anta, fica o topónimo Naves e a 1000m a norte o topónimo Mota.

A cerca de 750m a oeste - noroeste da antiga capela de Santa Águeda registaram-se duas cruzes de Cristo profundamente gravadas, uma sobre um afloramento e outra no topo de um marco de termo, paralelepípedo. Estas marcas devem corresponder ao termo de Castelo Novo que tinha o rio Ocreza como limite sudoeste. De facto, em *Alpreada e o seu território ao tempo dos romanos* (Silva, 2004) são referidas marcas semelhantes em relação com o termo de Castelo Novo, com limites assinalados no Tombo de 1505. Em nota de rodapé, aquele historiador refere que o “...*ribeiro que vem da Lardosa, e des’i direito ao cimo da cabeça do Gosendo honde estaa hum malham de pedras, e daquy se vay aguas vertentes atee há pedra do Peso que he huma pedra grande quadrada altura mais de côvado sobre há terra e tem huma cruz em cima...* (Silva, 2004:63). E, mais à frente, nos comentários tecidos ao topónimo Verdelhão escreve: “*num destacado afloramento*

granítico que bem poderá ser o “Peso” das demarcações medievais, lá se vê uma cruz de cristo muito bem delineada”.

Fontes de informação

Bibliografia

Alarcão, J. (1988) - Roman Portugal, 2(1). Warminster: 73.

Batista, J. & Henriques, J. (1982) - Vale da Vinha. Informação Arqueológica, 2, Lisboa: 16.

Beirão, F. (1987) - Obras na Marateca puseram a descoberto ruínas romanas. Reconquista, 2159 (26 de junho). Castelo Branco: 1 e 7.

Calmeiro, J. A. (1986) - Abastecimento de água ao concelho de Castelo Branco – historial e alternativas. Comunicação apresentada nas Jornadas da Beira Interior em 1984. Jornadas da Beira Interior, 2. Fundão: 267-269.

Caninas, J. C. (2019) - Megalitismo e povoamento entre o Zêzere e o Tejo na região de Castelo Branco. Tese de doutoramento. Universidade de Évora.

Carvalho, R. (1991) - O forno cerâmico da estação romana da barragem da Marateca – Castelo Branco. Atas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 343- 351.

Carvalho, R. & Pinto, C. V. (1993) - A estação romana da Barragem da Marateca – Castelo Branco. Portugália, 13-14 (nova série). Porto: 289-296.

⁹ O espólio recolhido não foi convenientemente estudado, estando à disposição dos potenciais interessados.

Carvalho, R. & Pinto, C. V. (1994) - Notícia preliminar da estação romana da Barragem da Marateca. Associação dos Professores de História, Comunicações das I Jornadas de História Regional do Distrito de Castelo Branco. Castelo Branco.

Carvalho, R. (1994) - Estação romana da Barragem da Marateca. Informação Arqueológica. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológica Lisboa: 45-47.

Cunha, P. M. Falcão (1986) - Abastecimento de água ao concelho de Castelo Branco a partir da Barragem da Marateca. Comunicação apresentada nas Jornadas da Beira Interior em 1984. Jornadas da Beira Interior, 2. Fundão: 255-265.

Dias, J. Lopes (1972) - Francisco Tavares de Proença Júnior, Fundador do Museu de Castelo Branco (Vida e Obra). Castelo Branco.

Henriques, F. J. R. & Caninas, J. C. P. (1986) - Relatório de trabalhos de prospeção arqueológica – campanha da Marateca (Castelo Branco). Inédito.

Henriques, F. J. R. & Caninas, J. C. P. (1988) - Levantamento arqueológico na área a submergir pela Barragem da Marateca (Castelo Branco). Atas das II Jornadas da Beira Interior, 2. Jornal do Fundão. Fundão: 189-198.

Macedo, S. C. (2018) – Associações de Defesa do Património em Portugal (1974-1997). Caleidoscópio. Lisboa: 327p.

SA (1986) - Ponte romana condenada, só uma hipótese: a transplantação. Reconquista, 2121 (26 de setembro). Castelo Branco: 1.

Reconquista (1987) – Barragem da Marateca começa a ser. Mas no próximo ano Hidrológico (ainda este ano) será mesmo, n. 2144, de 13.03.1987, Castelo Branco

Repórter Beirão (1983) - Por terras da Beira – novo racionamento de Água a Castelo Branco. Reconquista, 1944 (25 de fevereiro). Castelo Branco: 3 e 5.

Ribeiro, J. (1986) - Património histórico – arqueológico perdido e ameaçado no distrito de Castelo Branco. Reconquista, 2105 (23 de maio). Castelo Branco: 1 e 5.

Rosa, L. (1987) - Na barragem da Marateca arqueólogos do museu estudam estação romana. Jornal do Fundão, 2137 (7 de agosto). Fundão: 14.

Salvado, P., (2020) – O povoamento da Póvoa de Rio Moinhos. A as raízes antigas. In Benedicta Vieira, coord. Póvoa de Rio de Moinhos – ontem e hoje: História e Memória. RVJ Editores. Castelo Branco: 87-92.

Seródio Jr., J. M. (1986) - Abastecimento de água aos concelhos de Castelo Branco e Vila Velha de Ródão – o sistema da barragem do Salgueiro. Comunicação apresentada nas Jornadas da Beira Interior em 1984, Jornadas da Beira Interior, 2. Fundão: 241-254.

Silva, J. C. (2004) - Alpreade e o seu território ao tempo dos romanos – problemática, realidades e perspetivas. Ebvrobriça, 1. Museu Arqueológico Municipal José Monteiro do Fundão. Fundão: 57-90.

Cartografia

Serviços Cartográficos do Exército (1974) – Folha 268 da Carta Militar de Portugal, 2º edição.

Websites

<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios>

<https://www.naturtejo.com>

Anexo 1 Correspondência de entidades públicas

Convite do Instituto Português do Património Cultural (IPPC)


MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO CULTURAL

Exm^o Sr.
João Carlos Pires Caninas
Rua Barão de Sabrosa, 170 - 1^o Dt^o
1900 LISBOA

Sua referência: DA - P^o 80/1(114)
Sua comunicação de: []
Nossa referência: []
Palaço Nacional da Ajuda
1000 LISBOA

ASSUNTO: Barragem da Marateca.

14 MAR. 86-304005

Segundo notícias da imprensa regional, foram recentemente iniciados os trabalhos de construção da Barragem da Marateca (Castelo Branco). Estando por efectuar o levantamento arqueológico das áreas a afectar por aquela obra, tendo em conta os trabalhos de levantamento arqueológico que tem efectuado no Distrito de Castelo Branco, vimos propor a V. Ex^a que ponha a hipótese de se vir a encarregar daquele urgente trabalho. Para o efeito poderá V. Ex^a contactar directamente o Departamento de Arqueologia deste Instituto.

Com os melhores cumprimentos,

O VICE-PRESIDENTE

(Justino Mendes de Almeida)

Na resposta, indicar as referências deste documento.

Mod. I.P.P.C. I

Ofício da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos ao IPPC, datado de 29 de julho de 1986 - Barragem da Marateca - Valores Arqueológicos

S.  R.

MINISTÉRIO DO PLANO E ADMINISTRAÇÃO DO TERRITÓRIO
DIRECÇÃO - GERAL DOS RECURSOS E APROVEITAMENTOS HIDRÁULICOS
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE OBRAS HIDRÁULICAS

I.P.P.C. 91	
Ent. n.º	14.668
Data	31 JUL 1986
Inv.	58.86
Mus.	
Pl. Arq.	
Ep. A. G.	
Arq.	X
Ep. A. G.	
B. e Arq.	
p. P. Ap.	
Rejuda	
E.T.N.	

Exm^o Senhor
Vice-Presidente do Instituto
Património Cultural
Palácio Nacional da Ajuda
1000 LISBOA

Sua referência: N.º 251/86/DSOH-DCT
Proc. 129.52

Sua comunicação de: []
Nossa referência: []
Av. Alm. Gago Coutinho, 30.º Piso
1000 LISBOA

DATA: 1986 0 7 2 9

ASSUNTO: BARRAGEM DA MARATECA
VALORES ARQUEOLÓGICOS

Reporto-me ao ofício de V. Ex^a com a referência DA 80/1 (114), de 3/9/85, ao qual só agora respondo por motivo da demora havida em reunir os elementos que considero necessários para bem localizar e caracterizar os valores arquitectónicos que irão ser submersos pela albufeira da barragem da Marateca.

Esses elementos, que junto, são os seguintes:

- carta, à escala 1/5.000, da zona da barragem da Marateca com a localização dos valores arqueológicos que detectamos e que vão ser submersos pela albufeira que aquela barragem irá criar;
- plantas e alçados (dois desenhos) da ponte romana e da capela que estão localizadas na referida carta;
- sete fotografias dos referidos valores arqueológicos.

Aprov. a V. Ex^a que os trabalhos de construção da barragem da Marateca estão já em curso e que a fiscalização dos mesmos está a cargo da Brigada de Fiscalização da Obra da Cova da Beira.

Mod. 135 Cat. 1986

Levantamento arqueológico na albufeira da barragem da Marateca (Castelo Branco, 1986)
Francisco Henriques e João Caninas

DESCRIÇÃO

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

PROTECÇÃO

AMEAÇAS

MEDIDAS A TOMAR

ESPÓLIO (REFERENCIADO)

LOCAL DE DEPÓSITO

TRABALHOS EFECTUADOS

RESPONSÁVEIS	TIPO DE INTERVENÇÃO	DATA

CLASSIFICAÇÃO

M. NAC. IMÓV. INT. PÚBL. VALOR CONC. NÃO CLASSIF. A CLASSIF. INVENTARIAÇÃO

LEGISLAÇÃO

PROPRIETÁRIO(S) E/OU ARRENDATÁRIO(S)

NOME(S); MORADA(S); TELEFONE(S)

INFORMADOR(ES) LOCAL(ES)

NOME(S); MORADA(S); TELEFONE(S)

DOCUMENTAÇÃO CARTOGRÁFICA E ICONOGRÁFICA

OUTRA DOCUMENTAÇÃO CARTOGRÁFICA

ENTIDADE(S)	CARTA/PLANTA	ESCALA	Nº	DATA

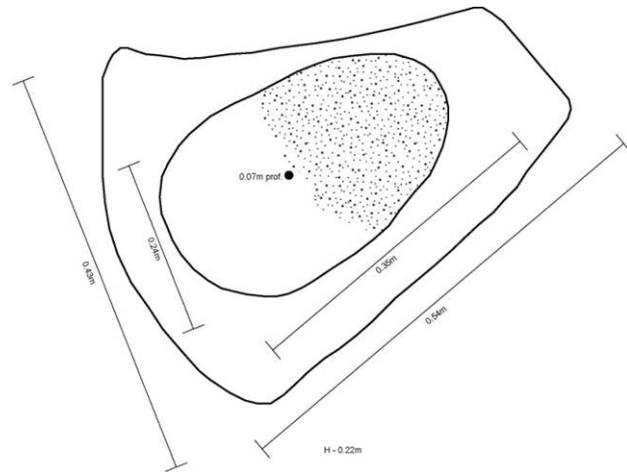
PERFIS, ALÇADOS E CORTES:

FOTOGRAFIA AÉREA

ENTIDADE(S)/ORIGEM	VOO	DATA	Nº DE FIADA	Nº DE ORDEM	ÂNG. FOTO

OUTRA DOC. FOTOGRAFICA FILMES OUTRA DOC. ICONOGRÁFICA

ESTAÇÕES/MONUMENTOS RELACIONADOS



Número de ordem: 3 **CNS:** 16824 **Topónimo:** Davida Linda 1 **Tipo de sítio:** Arte rupestre **Data da descoberta:** 24-09-1986 **CMP:** 268 **Cota:** 390m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Lardosa **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230 **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Neo-Calcolítico **Classificação:** Inventariado na DGPC **Conservação:** Indeterminada **Uso do solo:** Agrícola de sequeiro **Coberto vegetal:** Herbáceo **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não identificado **Contexto geomorfológico:** Afloramento granítico e solos arenosos **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 630,9 / 4426,5 **Descrição:** Conjunto de 12 covinhas distribuídas por três afloramentos de granito, a menos de 1,5m de distância uns dos outros. Dois dos afloramentos têm unicamente uma covinha e um terceiro, central, tem dez covinhas e a particularidade de seis delas estarem dispostas duas a duas. O tamanho das covinhas é semelhante, excetuando uma de maior tamanho que se encontra isolada, num dos afloramentos.



Número de ordem: 4 **CNS:** 20461 **Topónimo:** Cabeço das Damas **Tipo de sítio:** Vestígios de superfície **Data da descoberta:** 24-09-1986 **CMP:** 268 **Cota:** 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Lardosa **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230 **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Época Romana **Classificação:** Inventariado na DGPC **Conservação:** Indeterminada **Uso do solo:** Agrícola, lavrado e com olival de pequeno porte **Coberto vegetal:** Herbáceo **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não identificado **Contexto geomorfológico:** Entre duas pequenas linhas de água **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 630,3 / 4426,6 **Descrição:** Grande quantidade de cerâmica comum. Não se observam tégulas.

Número de ordem: 5 **CNS:** 16825 **Topónimo:** Ponte **Tipo de sítio:** Vestígios de superfície **Data da descoberta:** 24-09-1986 **CMP:** 268 **Cota:** 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Lardosa **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230 **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Neo-Calcolítico **Classificação:** Inventariado na DGPC **Conservação:** Indeterminada **Uso do solo:** Agrícola, sem uso recente **Coberto vegetal:** Giestas e carvalhos associados a afloramentos **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Fragmentos de cerâmica (8), o maior dos quais sugerindo um vaso esférico com um sulco junto do bordo, e uma lasca em sílex **Contexto geomorfológico:** Encosta com pequena pendente para sul **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 630,0 / 4426,0 **Descrição:** Ocorrência dispersa de fragmentos de cerâmica e indústria lítica em sílex.

Número de ordem: 6 **CNS:** 11183 **Topónimo:** Santa Águeda 1 **Tipo de sítio:** Vestígios de superfície **Data da descoberta:** 24-09-1986 **CMP:** 268 **Cota:** 370m - 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Lardosa **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230 **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Época Romana **Classificação:** Inventariado na DGPC **Conservação:** Indeterminada **Uso do solo:** Agrícola **Coberto vegetal:** Em cotas superiores observam-se giestas e carvalhos associados a afloramentos **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Fragmentos de cerâmica (11) **Contexto geomorfológico:** Encosta com pequena pendente

para a margem esquerda do rio Ocreza **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,9 / 4426,1 **Descrição:** Fragmentos de cerâmica comum dispersos.

Número de ordem: 7 **CNS:** 321 **Topónimo:** Marateca **Tipo de sítio:** Ponte **Data da observação:** 24-09-1986 **CMP:** 268 **Cota:** 370m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Caféde **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230 **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Época Romana (?) - Medieval **Classificação:** Inventariado na DGPC; Sistema de Informação para o Património Arquitetónico IPA. 00012854 **Conservação:** Razoável **Uso do solo:** Outros **Coberto vegetal:** Giestas e carvalhos **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** É frequente ouvir-se a designação de “ponte romana” **Espólio:** Não identificado **Contexto geomorfológico:** Vale. A ponte assenta sobre afloramentos graníticos **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Alarcão (1988); Ofício da Direção Geral dos Serviços Hidráulicos para o Instituto Português do Património Cultural, datado de 29.07. 1986; Reconquista (1986); Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,7 / 4425,9 **Descrição:** Ponte sobre o rio Ocreza. Tem orientação este-oeste. É uma estrutura em alvenaria de granito que inflete, na metade este, para noroeste. Assenta sobre afloramentos e grandes blocos soltos de granito. É constituída por três arcos de diferentes dimensões. O arco situado a leste é o de menor tamanho e tem configuração ogival. O arco central é abatido e encontra-se deformado, principalmente na metade oeste. O arco do lado oeste é igualmente abatido e está em bom estado. Observam-se, no lado montante, dois talha mares. O que se localiza mais a leste apresenta uma extremidade bem vincada e os blocos que o constituem estão afeiçoados. O talha mar ocidental tem planta ogival, com extremidade arredondada e os blocos que o constituem são disformes e encontram-se dispostos caoticamente. A superfície do passadiço quase desapareceu estando à vista o topo dos arcos. Não é de excluir a hipótese de parte central da ponte ter sido mais alta. Excetuando os arcos, ou parte deles, a construção tem um aspeto muito rústico observando-se várias reconstruções. Na margem esquerda do rio identificou-se um troço de calçada de acesso à ponte. Este troço, de alguns metros, tem piso constituído por blocos de tamanho médio e grande tamanho e afloramento debastado.

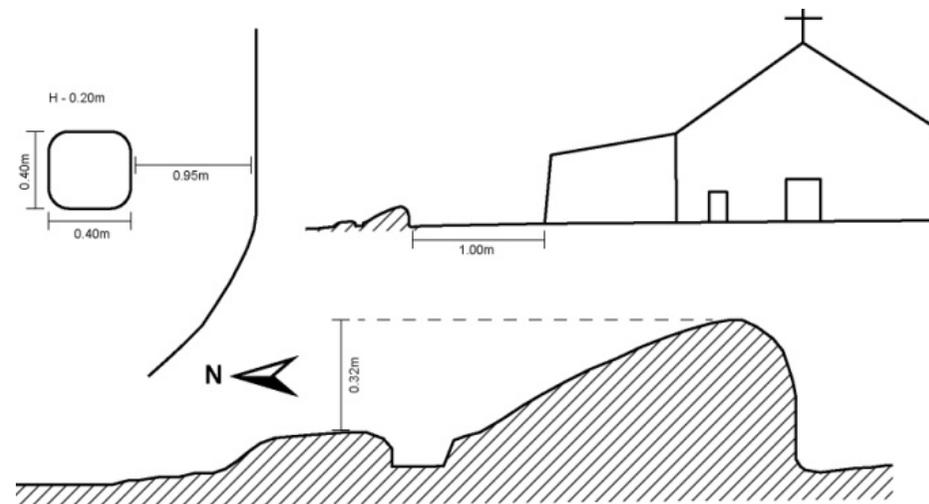
Número de ordem: 8 **CNS:** Não tem **Topónimo:** Capela de Santa Águeda 1 **Tipo de sítio:** Capela **Data da observação:** 24-09-1986 **CMP:** 268 **Cota:** 370m – 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Cafede **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230 **Categoria:** Arquitetónico **Períodos cronológicos:** Moderno **Classificação:** Não identificada **Conservação:** Boa **Uso do solo:** Outros **Coberto vegetal:** Fruteiras e matos diversos **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não identificado **Contexto geomorfológico:** Colina suave **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Ofício da Direção Geral dos Serviços Hidráulicos ao Instituto Português para o Património Cultural, datado de 29.07.1986; Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,5 / 4425,9 **Descrição:** Duas construções adossadas, capela e casa de apoio, esta última no lado norte do recinto religioso. A parede exterior da capela está rebocada e pintada a branco. O edifício de apoio não se encontra rebocado e exhibe o granito da sua construção com a cor natural. No alçado principal da capela existem duas portas, a principal e uma segunda, no lado norte da primeira, que acede à construção anexa e sem ligação com a nave da capela. Esta última tem gravado no lintel, por incisão, a data de 1619. No topo deste alçado existe uma cruz metálica. A capela é constituída por três diferentes espaços: nave, capela-mor e sacristia. A nave, de planta retangular, tem teto revestido a madeira e chão forrado com grandes blocos paralelepípedicos de granito. Na passagem da nave para o altar-mor existe um arco de volta completa assente sobre impostas e luz alta, tudo em granito. A capela-mor está revestida, até cerca de um metro de altura, de azulejos pintados com motivos azuis. O altar é simples, em madeira pintada, com quatro figuras sacras. No centro, assente sobre o altar-mor, existe um nicho, em madeira e vidro, no interior do qual se encontra a figura de Santa Águeda, dentro de uma segunda redoma de vidro tubular. Junto desta imagem existem alguns ex-votos em cera representado o seio materno. Na parede norte da capela-mor existe uma porta de acesso à sacristia. Na parede sul existe uma pequena janela para iluminar a capela-mor. A sacristia tem ligação ao exterior através de uma porta para as traseiras do templo (lado este). É provável que o bom estado de conservação do monumento esteja relacionado com a beneficiação de que foi alvo na década de 60. Esta capela irá ficar submersa e será substituída por uma outra a construir.



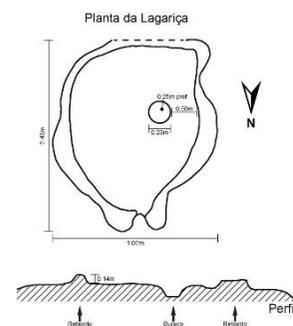


Número de ordem: 9 **CNS:** Não tem **Topónimo:** Capela de Santa Águeda 2 **Tipo de sítio:** Vestígios de superfície **Data da descoberta:** 25.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 370m – 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Cafede **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230 **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Pré-História Recente e Época Moderna **Classificação:** Não tem **Conservação:** Não determinada **Uso do solo:** Outros **Coberto vegetal:** Fruteiras e matos diversos **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Foram recolhidos 21 fragmentos de cerâmica, incluindo bojo com mamilos e peça com incisão linear no bordo. Recolheram-se outros fragmentos de cerâmica com bojos, bordos e asas. Foi ainda recolhida uma moeda de 100 réis de D. Carlos, datada de 1900 **Contexto geomorfológico:** Colina suave **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,5 / 4425,9 **Descrição:** Ocorrência de cerâmica pré-histórica, em menor quantidade, e cerâmica moderna, predominante, na área envolvente da capela de Santa Águeda.

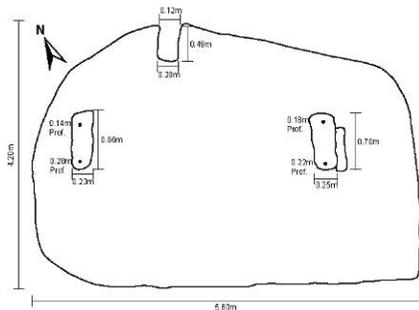
Número de ordem: 10 **CNS:** Não tem **Topónimo:** Capela de Santa Águeda 3 **Tipo de sítio:** Lagareta (?) **Data da descoberta:** 25.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 370m – 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Cafede **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230 **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Indeterminada **Classificação:** Não tem **Conservação:** Não determinada **Uso do solo:** Outros **Coberto vegetal:** Silva **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não identificado **Contexto geomorfológico:** Colina suave **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,5 / 4425,9 **Descrição:** Cavidade de planta quadrangular (40cm x40cm e 20cm de profundidade) em afloramento de granito, com superfície inclinada para norte, situado a um metro de distância do recinto da capela (lado norte).



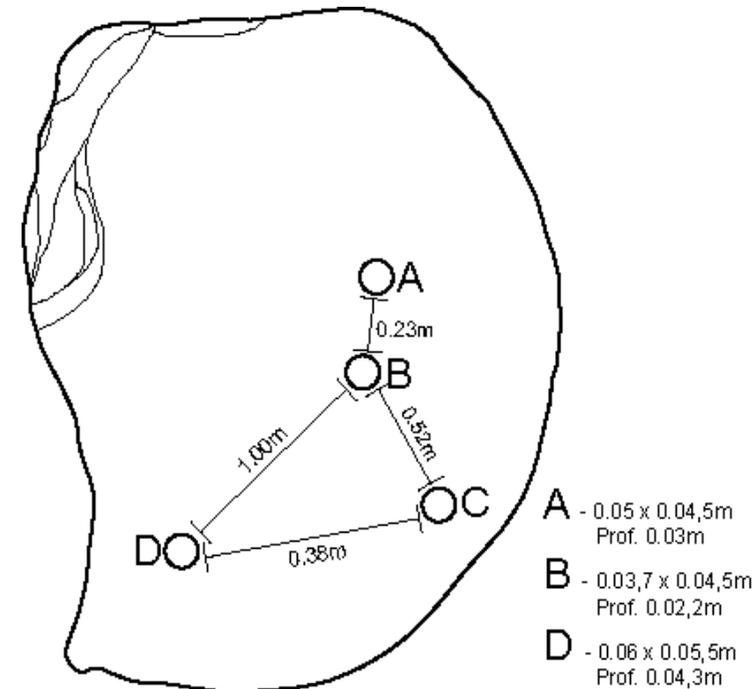
Número de ordem: 11 **CNS:** Não tem **Topónimo:** Capela de Santa Águeda 4 **Tipo de sítio:** Lagar **Data da descoberta:** 25.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 370m – 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Cafede **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230 **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Romano - Medieval **Classificação:** Não tem **Conservação:** Boa **Uso do solo:** Outros **Coberto vegetal:** Herbáceo **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não identificado **Contexto geomorfológico:** Colina suave **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,5 / 4425,9 **Descrição:** Lagar escavado em afloramento de granito, ligeiramente inclinado a norte. O afloramento localiza-se junto da parede norte da capela de Santa Águeda. Tem planta suboval, com 240cm no eixo norte-sul e 107cm no eixo este – oeste, e rebordo periférico com 14cm de altura, variável. A drenagem está voltada para norte. No interior do lagar existe um orifício de forma circular com 23cm de diâmetro e 25cm de profundidade. A distância ao bordo oeste do lagar é 50cm.



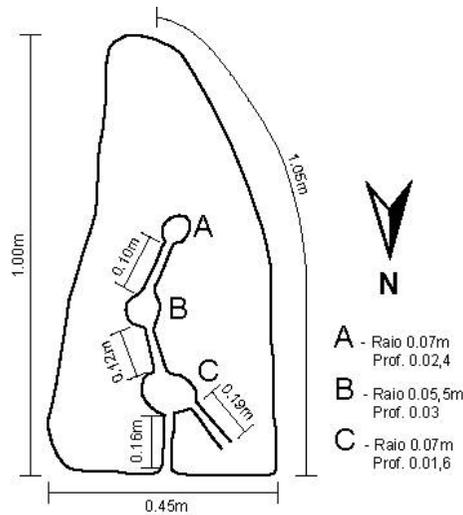
Número de ordem: 12 **CNS:** Não tem **Topónimo:** Capela de Santa Águeda 5 **Tipo de sítio:** Indeterminado **Data da descoberta:** 25.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 388m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Cafede **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230 **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Romano - Medieval **Classificação:** Não tem **Conservação:** Boa **Uso do solo:** Baldio **Coberto vegetal:** Arbustivo (giesta e silva) **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não identificado **Contexto geomorfológico:** Colina suave a SO da capela **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,5 / 4425,9 **Descrição:** Conjunto de três cavidades de forma retangular abertas em afloramento granítico (560cm x 420cm). Todas as cavidades apresentam bordos vivos. Este conjunto de cavidades pode ter servido para o encaixe do suporte de um mecanismo de prensa de um lagar. A cavidade leste tem 70cm de comprimento por 25cm de largura. A profundidade varia entre 18cm e 22cm. Neste orifício existe um sulco que pode ter sido o esboço inicial do buraco. A cavidade oeste tem 66cm de comprimento, 23cm de largura e profundidade a variar entre 14cm e 28cm. A terceira cavidade está talhada no rebordo norte do afloramento; tem 49cm de comprimento, 28cm de largura e 12cm de profundidade.



Número de ordem: 13 **CNS:** Não tem **Topónimo:** Capela de Santa Águeda 6 **Tipo de sítio:** Arte rupestre **Data da descoberta:** 25.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 370m - 388m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Cafede **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, junto do caminho que ligava a capela de Santa Águeda ao Monte das Cholcas **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Neo-Calcolítico **Classificação:** Não tem **Conservação:** Boa **Uso do solo:** Baldio **Coberto vegetal:** Arbustivo **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não identificado **Contexto geomorfológico:** Colina suave **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,5 / 4425,8 **Descrição:** Afloramento de granito com três covinhas gravadas e esboço de uma quarta. Três covinhas dispõem-se segundo os vértices de um triângulo. Dimensões: covinha A, situada mais a leste, tem diâmetro variável entre 4,5cm e 5cm e 3cm de profundidade; covinha B, posicionada 23cm a oeste da A, tem diâmetro a variar entre 3,7cm e 4,5cm e 2,2cm de profundidade; covinha C, dista 100cm da covinha B, é a que se encontra mais a norte no painel e tem diâmetro a variar entre 5,5cm e 6cm e 4,3cm de profundidade; o esboço de covinha localiza-se a sul da covinha C da qual dista 38cm e da covinha B 52cm.



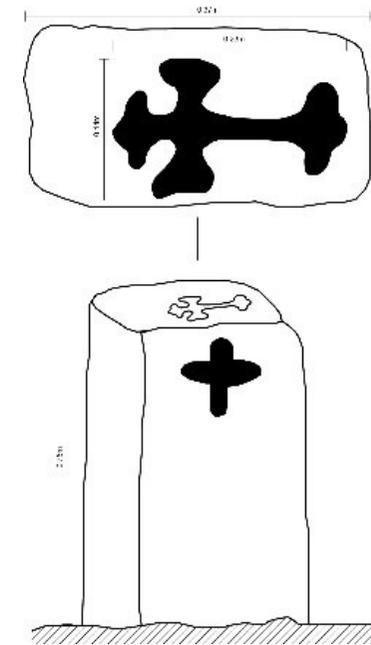
Número de ordem: 14 **CNS:** Não tem **Topónimo:** Capela de Santa Águeda 7 **Tipo de sítio:** Arte rupestre **Data da descoberta:** 25.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Cafede **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230 **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Neolítico Calcolítico **Classificação:** Não tem **Conservação:** Boa **Uso do solo:** Baldio **Coberto vegetal:** Arbustivo **Ameaças:** Barragem; junto a um grande aterro construído no âmbito das obras da barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não identificado **Contexto geomorfológico:** Em declive suave voltado a norte **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas(1986, 1988) **Coordenadas:** 629,4 / 4425,8 **Descrição:** Afloramento de granito subtriangular (100cm x 105cm x 45cm) com três covinhas interligadas por canais. A covinha posicionada mais a sul (A) liga através de um canal com 10cm de comprimento com a covinha intermédia (B) e esta liga de modo idêntico com a covinha C, através de canal de 12cm de comprimento. Da covinha C saem dois sulcos: um em direção a norte que atinge o bordo do afloramento e mede 16cm; um outro sulco segue em direção noroeste e mede 61cm. Medidas das covinhas: a A tem 7cm de diâmetro e 2,4cm de profundidade; a B tem 5,5cm de diâmetro e 3cm de profundidade e a C tem 7cm de diâmetro e 1,6cm de profundidade. Esta rocha pode estar relacionada com o sítio 15.



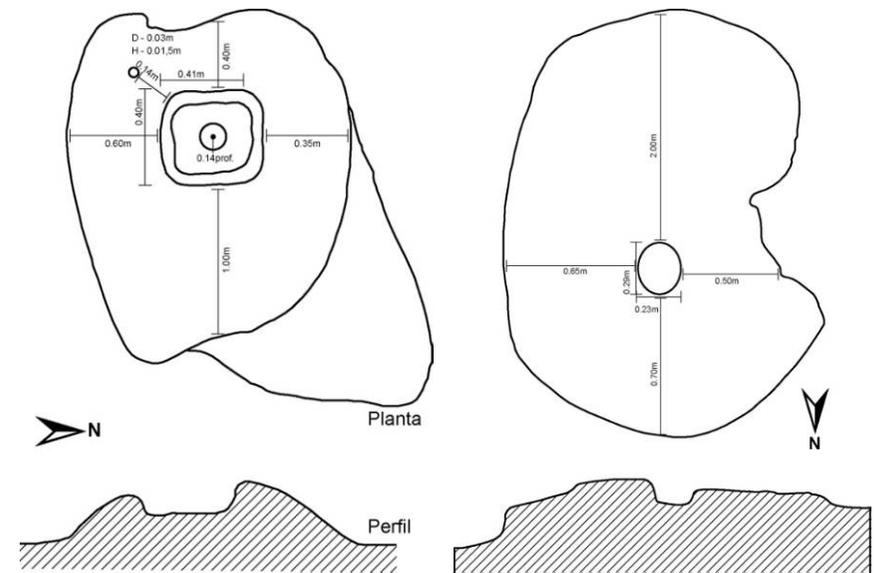
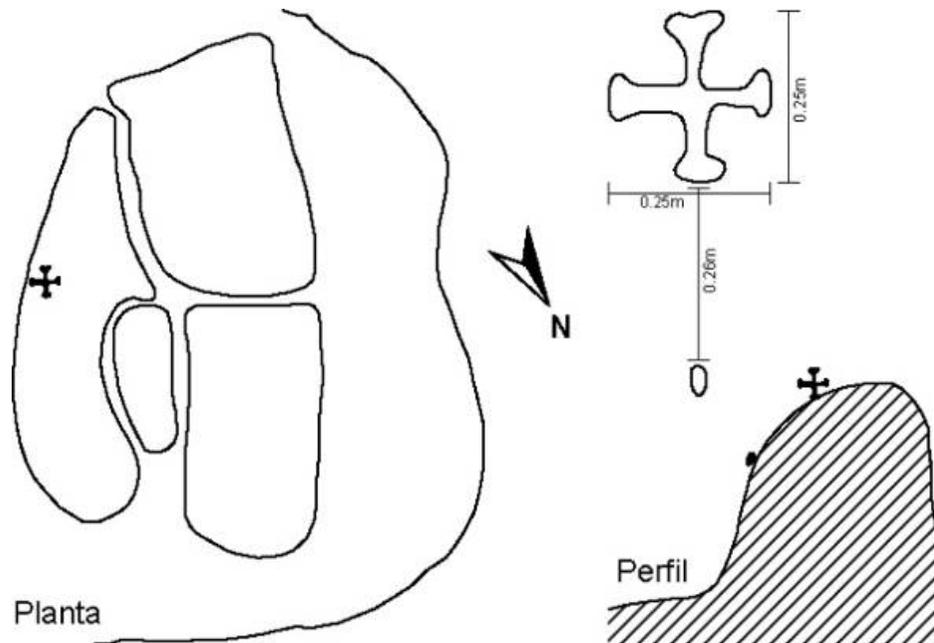
Número de ordem: 15 **CNS:** Não tem **Topónimo:** Capela de Santa Águeda 8 **Tipo de sítio:** Vestígios de superfície **Data da descoberta:** 25.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Cafede **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que servia o Monte das Cholcas **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Medieval – Moderno **Classificação:** Não tem **Conservação:** Indeterminada **Uso do solo:** Zona de transição entre área agrícola e baldio **Coberto vegetal:** Arbustivo e herbáceo **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Na Barreira da Igreja (localizada a norte da Capela de Santa Águeda e na margem esquerda do rio Ocreza), pessoas idosas de Póvoa Rio de Moinhos, referiram ter aqui existido uma importante povoação que foi arrasada pela água. Na zona mais baixa desta povoação dizem ter aparecido muitas libras em ouro. Numa cota mais elevada situava-se a igreja. Dizem que foi encontrado aqui um sino que foi levado para a Lardosa. Na zona aparece grande quantidade de “gorrão”. História da atribuição do sino: dois homens, um de Lardosa e outro de Póvoa rio de Moinhos, andavam a trabalhar no local e encontraram o sino. Ambos queriam o sino para a sua terra. E para determinar quem o levaria iniciaram uma corrida do local até à igreja da sua terra onde tocaria o sino. Naturalmente, devido à proximidade, que foi o homem de Lardosa quem venceu e levou o sino **Espólio:** Várias dezenas de fragmentos de cerâmica incluindo bordos, fundos, asas, bojos com colo. Alguns fragmentos estão decorados com incisões (uma, duas ou três, linhas paralelas) **Contexto geomorfológico:** Em declive suave voltado a norte e a terminar numa linha de água **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,4 / 4425,8 **Descrição:** Grande concentração de material cerâmico e alguns blocos de granito de pequeno tamanho (restos de construção?) em pequena área.

Número de ordem: 16 **CNS:** Não tem **Topónimo:** Herdade do Vale de Monsanto 1 **Tipo de sítio:** Marco de propriedade **Data da descoberta:** 25.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 390m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Cafede **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que acedia à Herdade do Vale de Monsanto **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Medieval – Moderno **Classificação:** Não tem **Conservação:** Boa **Uso do**

solo: Agrícola **Coberto vegetal:** Herbáceo **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não observado **Contexto geomorfológico:** Encosta suave pendente para a margem do rio Ocreza **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 628,7 / 4426,0 **Descrição:** Marco de divisão de propriedade, em granito, de talhe grosseiro, ereto, de formato paralelepípedo, de secção retangular (37cm x 20cm), destacado 76 cm acima do solo. Tem duas gravações cruciformes. A face vertical, voltada a sul, está incisa com um cruciforme simples. O topo está profundamente lavrado com a cruz da Ordem de Cristo, de contornos muito grosseiros (23cm x 14cm). Para norte existem outros marcos semelhantes mas sem cruzes. Um destes marcos, sem incisões, localiza-se junto a um outro, contemporâneo, e que divide as freguesias de Tinalhas e de Póvoa Rio de Moinhos.

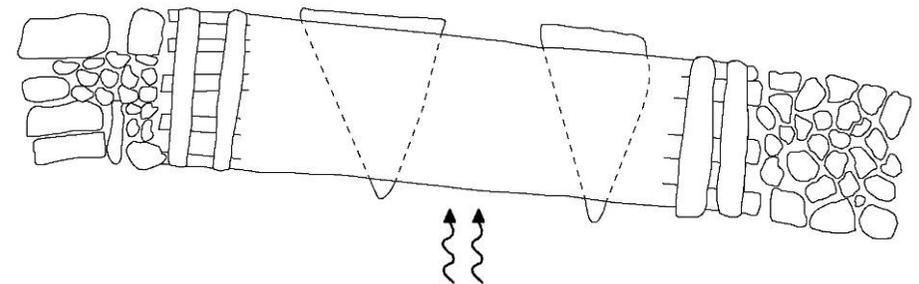


Número de ordem: 17 **CNS:** Não tem **Topónimo:** Herdade do Vale de Monsanto 2 **Tipo de sítio:** Marco de propriedade **Data da descoberta:** 25.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Cafede **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que acedia à Herdade do Vale de Monsanto **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Medieval – Moderno **Classificação:** Não tem **Conservação:** Boa **Uso do solo:** Agrícola **Coberto vegetal:** Herbáceo **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não observado **Contexto geomorfológico:** Linha de água **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 628,9 / 4426,2 **Descrição:** Área com afloramentos graníticos. Num dos afloramentos, junto do topo e numa face virada a su-sudeste foi profundamente incisa uma Cruz da Ordem de Cristo de contornos grosseiros. Cerca de 26cm abaixo do braço vertical da cruz, existe um pequeno orifício antrópico. A cruz, de formato simples ou simétrico, tem as seguintes dimensões: 25cm x 25cm.



Número de ordem: 18 e 19 **CNS:** Não tem **Topónimo:** Herdade do Vale de Monsanto 3 **Tipo de sítio:** Pias rupestres **Data da descoberta:** 25.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 380m – 390m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Cafede **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que acedia ao marco geodésico de Cholcas **Categoria:** Arqueológico e etnográfico **Períodos cronológicos:** Moderno - Contemporâneo **Classificação:** Não tem **Conservação:** Boa **Uso do solo:** Agrícola (figueira e oliveira) e baldio **Coberto vegetal:** Frutíferas e carvalhos **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não observado **Contexto geomorfológico:** Peneplanície com afloramentos graníticos baixos **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,0 / 4426,4 **Descrição:** Duas pias escavadas em afloramento de granito, na vizinha de uma construção rural em ruínas. Uma das pias está situada frente à entrada da casa e a segunda nas traseiras. A primeira tem planta quadrangular e a segunda tem planta subcircular. Deverão ser contemporâneas da utilização da construção rural. A pia quadrangular e de arestas arredondadas (40cm x 41cm x 14cm de profundidade) está no topo de um afloramento baixo. No fundo existe uma pequena covinha circular. A 14cm do canto sudoeste da pia existe uma segunda covinha com 3cm de diâmetro e 1,5cm de profundidade. A pia subcircular foi aberta no topo de um afloramento destacado poucos centímetros acima do solo. Tem diâmetros a variar entre 23cm e 29cm.

Número de ordem: 20 **CNS:** Não tem **Topónimo:** Rio Ocreza 1 **Tipo de sítio:** Ponte **Data da descoberta:** 24.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 370m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Cafede **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que acedia ao Monte de São José **Categoria:** Arquitetónico **Períodos cronológicos:** Moderno - Contemporâneo **Classificação:** Não tem **Conservação:** Em perigo **Uso do solo:** Outros **Coberto vegetal:** Galeria ripícola **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não observado **Contexto geomorfológico:** Planície **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,0 / 4427,4 **Descrição:** Ponte sobre o rio Ocreza, com tabuleiro em madeira e dois talha mares, em granito, de planta triangular, em mau estado de conservação. Em ambos os lados da ponte existem curtas calçadas graníticas que dão acesso ao tabuleiro.





Número de ordem: 21 **CNS:** Não tem **Topónimo:** Rio Ocreza 2 **Tipo de sítio:** Calçada **Data da descoberta:** 24.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 370m – 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Cafede **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que acedia ao Monte de São José **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Moderno - Contemporâneo (?) **Classificação:** Não tem **Conservação:** Bom **Uso do solo:** Outros **Coberto vegetal:** Galeria ripícola **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não observado **Contexto geomorfológico:** Planície **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 628,9 / 4427,4 **Descrição** Calçada formada por grandes blocos de granito, geralmente paralelepípedicos, que atingem ambas as margens da linha de água, estando submersos. Esta estrutura facilitava a passagem de carros e pessoas.



Número de ordem: 22 **CNS:** 16970 **Topónimo:** Fonte dos Amores **Tipo de sítio:** Achado isolado **Data da descoberta:** 24.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Cafede **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que acedia ao Monte de São José **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Neo-Calcolítico **Classificação:** Não tem **Conservação:** Mau **Uso do solo:** Agrícola **Coberto vegetal:** Ausente **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Movente de moinho manual em granito **Contexto geomorfológico:** Planície **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 628,9 / 4427,3 **Descrição** Movente de moinho manual, em granito, ligeiramente fragmentado.

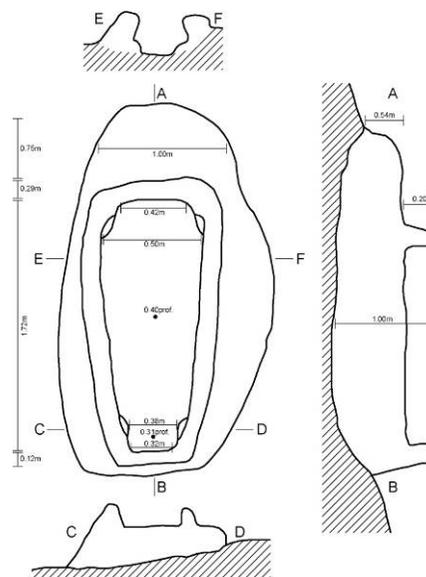
Número de ordem: 23 e 24 **CNS:** Não tem **Topónimo:** Cholcas 1 **Tipo de sítio:** Açude e estruturas murárias **Data da descoberta:** 26.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 360m - 370m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Cafede **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que acedia ao Monte de São José **Categoria:** Arquitetónico e etnográfico **Períodos cronológicos:** Contemporâneo **Classificação:** Não tem **Conservação:** Bom **Uso do solo:** Outros **Coberto vegetal:** Galeria ripícola **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não identificado **Contexto geomorfológico:** Leito e margens do rio Ocreza **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,4 / 4426,8 **Descrição** Estruturas murárias robustas e espessas que servem para a contenção do caudal em ambas as margens do rio Ocreza de modo a proteger as terras agrícolas adjacentes. Estão capeadas com enormes lajes de granito de modo a resistir à erosão fluvial. Documentou-se um espesso açude perpendicular aquelas estruturas marginais. Tem contorno arqueado, em secção, sendo constituído por grandes blocos de granito de formato paralelepípedico. A soleira jusante, adjacente ao açude, é formada por uma fiada de amplos lajões de granito, onde cai a água que desce do topo do açude, evitando deste modo a erosão da sua base.





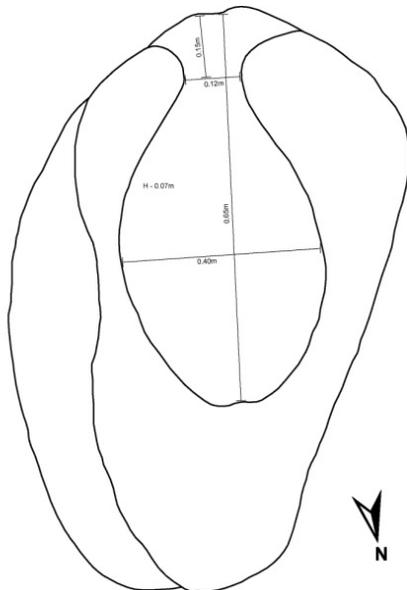
Número de ordem: 25 **CNS:** Não tem **Topónimo:** Fonte da Anta 1 **Tipo de sítio:** Açude **Data da descoberta:** 27.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 370m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Lardosa **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que acedia ao Monte de São José **Categoria:** Etnográfico **Períodos cronológicos:** Contemporâneo **Classificação:** Não tem **Conservação:** Bom **Uso do solo:** Outros **Coberto vegetal:** Galeria ripícola **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não identificado **Contexto geomorfológico:** Leito do rio Ocreza **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,4 / 4426,8 **Descrição:** Grande açude que une ambas as margens do rio Ocreza. É constituído por blocos irregulares e paralelepípedicos em granito. O topo do açude tem forma arredondada, idêntica ao descrito nas ocorrências 23 e 24.

Número de ordem: 26 **CNS:** 16829 **Topónimo:** Valado Vicente ou Tapada do Caixão **Tipo de sítio:** Sepultura **Data da descoberta:** 26.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 370m-280m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Lardosa **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que acedia ao Monte de São José **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Medieval **Classificação:** Não tem **Conservação:** Bom **Uso do solo:** Agrícola e baldio **Coberto vegetal:** Área agricultada com afloramentos graníticos onde persistem carvalhos e outros arbustos **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não identificado **Contexto geomorfológico:** Junto a suave linha de água **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,7 / 4426,9 **Descrição:** Sepultura escavada sobre afloramento de granito, isolado, mas suficientemente destacada acima do solo. Tem configuração geométrica – antropomórfica com espaços para a cabeça, ombros e pés. A cavidade está envolvida por um rebordo onde assentaria a tampa, de que não restam vestígios. No lado da cabeceira, no exterior do túmulo, observa-se um corte no afloramento (75cm x 100cm). O afloramento que contém a sepultura tem configuração suboval com 290cm de comprimento, 127cm de largura máxima e altura a variar entre 54cm e 100cm. A espessura do rebordo varia entre 12cm, na área dos pés, 21cm, na cabeceira, e 18cm e 22cm, na área abdominal. A cavidade da sepultura tem 172cm de comprimento, 42cm de largura na cabeceira, 50cm de largura nos ombros, 38cm largura nas pernas e 32cm de largura nos pés. Tem 40cm de profundidade na área mesial e 31cm nos pés. Apresenta recortes configurando os ombros e o encaixe dos pés. Na área dos ombros, a parede interior é inclinada.



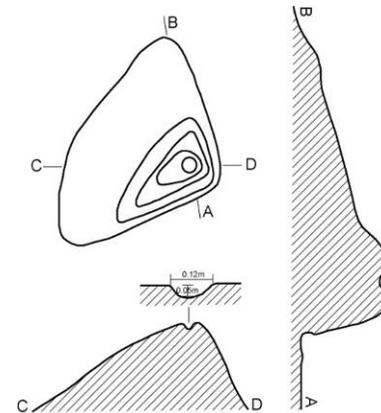
Número de ordem: 27 **CNS:** 16906 **Topónimo:** Tapada do Caixão **Tipo de sítio:** Vestígios de Superfície **Data da descoberta:** 26.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 370m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Lardosa **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que acedia ao Monte de São José ou do Visconde **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Época Romana **Classificação:** Não tem **Conservação:** Indeterminado **Uso do solo:** Agrícola e baldio (manchas de carvalhos) **Coberto vegetal:** Área agricultada com afloramentos graníticos onde persistem carvalhos e outros arbustos e oliveiras no lado norte **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Fragmentos grosseiros de cerâmica com destaque para dois grandes bordos **Contexto geomorfológico:** Suave outeiro entre duas linhas de água **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,6 / 4426,8 **Descrição:** Concentração de fragmentos de cerâmica comum em pequena área. Neste sítio salienta-se a quase ausência de pequenos blocos de granito à superfície que poderiam indicar antigas construções.

Número de ordem: 28 **CNS:** Não tem **Topónimo:** Monte de São José 1 **Tipo de sítio:** Lagariça **Data da descoberta:** 26.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Lardosa **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que acedia ao Monte de São José ou do Visconde **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Indeterminado **Classificação:** Não tem **Conservação:** Bom **Uso do solo:** Baldio **Coberto vegetal:** Raros eucaliptos, no topo, carvalhos e arbustos, nas encostas **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não identificado **Contexto geomorfológico:** Destacado morro granítico sobre a margem esquerda do rio Ocreza **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,5 / 4426,9 **Descrição:** Pequena lagariça, em forma de saco, aberta em afloramento granítico, com drenagem para o exterior, no lado sul. Medidas: 65cm de comprimento, 40cm de largura e 12cm de largura no sítio de maior estrangulamento da drenagem. O estrangulamento abre para o exterior, tem 15cm de comprimento e 7cm de profundidade.



Número de ordem: 29 **CNS:** Não tem **Topónimo:** Monte de São José 2 **Tipo de sítio:** Covinha **Data da descoberta:** 26.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 370m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Lardosa **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que acedia ao Monte de São José ou do Visconde **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Indeterminado **Classificação:** Não tem **Conservação:** Bom **Uso do solo:** Baldio **Coberto vegetal:** Raros eucaliptos, no topo, carvalhos e outros arbustos, nas encostas **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não observado **Contexto geomorfológico:** Destacado morro granítico sobre a margem esquerda do rio Ocreza **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,5 / 4426,9 **Descrição:** Grande

covinha de configuração circular e feição muito regular, aberta no topo de um afloramento granítico de forma subtriangular. Medidas: 12cm de diâmetro 3 5cm de profundidade.



Número de ordem: 30 **CNS:** 16931 **Topónimo:** Cholcas 2 **Tipo de sítio:** Vestígios de superfície **Data da descoberta:** 26.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Cafede **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que dava acesso ao marco geodésico de Cholcas **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Medieval - Moderno **Classificação:** Não tem **Conservação:** Indeterminado **Uso do solo:** Agrícola e baldio **Coberto vegetal:** Área agricultada com afloramentos de granito e carvalhos **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** 16 fragmentos de cerâmica **Contexto geomorfológico:** Encosta suave sobre linha de água **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 628,8 / 4427,2 **Descrição:** Vestígios de superfície localizados a curta distância do marco nº 88 ou 89 que delimita as águas da albufeira. Baixa densidade de cerâmica de pasta avermelhada em pequena área, observada na superfície do terreno.

Número de ordem: 31 e 32 **CNS:** 11182 **Topónimo:** Cholcas 3 **Tipo de sítio:** Achados isolados **Data da descoberta:** 26.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 370m - 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Cafede **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que dava acesso ao marco geodésico de Cholcas **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Paleolítico **Classificação:** Não tem **Conservação:** Indeterminado **Uso do solo:** Agrícola e baldio **Coberto vegetal:** Herbáceo com manchas de carvalhos **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Dois instrumentos talhados em quartzito **Contexto geomorfológico:** Encosta suave sobre linha de água **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 628,7 / 4427,6 e 629,0 / 4427,1 **Descrição:** Indústria lítica em quartzito.

Número de ordem: 33 **CNS:** 11186 **Topónimo:** Fonte da Anta 2 **Tipo de sítio:** Vestígios de superfície **Data da descoberta:** 26.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Lourical do Campo **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que passava pelo

Monte de São José e passa à margem direita do rio Ocreza **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Mesolítico, Neolítico e Romano **Classificação:** Não tem **Conservação:** Indeterminado **Uso do solo:** Agrícola e baldio **Coberto vegetal:** Herbácea com manchas de carvalhos **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Indústria em sílex (4), indústria lítica em quartzito (6, quatro delas são lascas) e fragmentos de cerâmica (40) **Contexto geomorfológico:** Pequeno vale **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 628,8 / 4428,0 **Descrição:** Ocorrência de Quantidade razoável de cerâmica da época romana (quantidade razoável), com destaque para *terra sigillata*, e indústria lítica em sílex e quartzito.

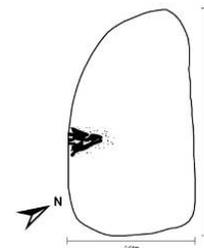
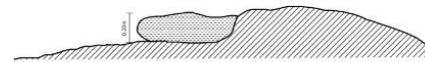
Número de ordem: 34 **CNS:** 11187 **Topónimo:** Fonte da Anta 3 **Tipo de sítio:** Vestígios de superfície **Data da descoberta:** 26.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 390m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Lourçal do Campo **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que servia a Fonte da Anta com passagem pelo marco geodésico das Cholcas **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Romano **Classificação:** Não tem **Conservação:** Indeterminado **Uso do solo:** Agrícola **Coberto vegetal:** Ausente (lavrado) **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não especificado **Contexto geomorfológico:** Encosta suave sobre o rio Ocreza **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 628,3 / 4428,3 **Descrição:** Ocorrência, em área restrita, de quantidade razoável de cerâmica comum (tégulas, imbrices, e fragmentos de cerâmica de uso doméstico), na margem direita do rio Ocreza, junto do marco SH160 e à direita do caminho referido.

Número de ordem: 35 **CNS:** 11188 **Topónimo:** Fonte da Anta 4 **Tipo de sítio:** Vestígios de superfície **Data da descoberta:** 26.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Lourçal do Campo **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que servia o lugar designado de Anta **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Neolítico **Classificação:** Não tem **Conservação:** Indeterminado **Uso do solo:** Agrícola, com oliveiras pequenas **Coberto vegetal:** Herbáceo e pequenas oliveiras **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Fragmento de movente de moinho manual em granito (1), lascas em quartzito (5), indústria lítica em sílex (3, fragmento de lâmina, buril, raspadeira), fragmentos de cerâmica (15, um deles com uma pequena carena) **Contexto geomorfológico:** Encosta muito suave sobre a margem esquerda do rio Ocreza **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 628,4 / 4428,6 **Descrição:** Sítio localizado na margem esquerda do rio Ocreza, junto do marco nº 479. Ocorrência, em pequena área, de indústria lítica em sílex e em quartzito e fragmentos de cerâmica. É provável que o revolvimento do solo para plantação de olival tenha contribuído para a exposição dos materiais arqueológicos.

Número de ordem: 36 **CNS:** Não tem **Topónimo:** Monte de São José 3 **Tipo de sítio:** Calçada **Data da descoberta:** 26.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 370m - 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Lourçal do Campo **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que passando pelo Monte de São José atravessava a noroeste a ribeira do Mioso **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Moderno - Contemporâneo **Classificação:** Não tem **Conservação:** Bom **Uso do solo:** Agrícola **Coberto vegetal:** Galeria ripícola **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Não identificado **Contexto geomorfológico:** Linha de água, ribeira do Mioso **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986,

1988) **Coordenadas:** 629,5 / 4427,5 **Descrição:** Calçada no leito da ribeira do Mioso. É constituída por grandes blocos de granito de formato quadrangular ou retangular. Em alguns dos blocos observam-se trilhos de carroças com várias profundidades. Está parcialmente coberta com depósito fluvial. Servia para facilitar a travessia da ribeira por carros.

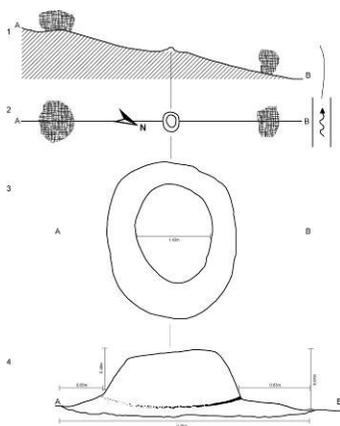
Número de ordem: 37 **CNS:** 11191 **Topónimo:** Companhia do Almeida **Tipo de sítio:** Vestígios de superfície **Data da descoberta:** 26.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 400m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Lardosa **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que serve o Monte de São José ou do Visconde **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Neo-Calcolítico **Classificação:** Não tem **Conservação:** Indeterminado **Uso do solo:** Agrícola e florestal **Coberto vegetal:** Herbáceo e pinhal (na cota mais elevada) **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Fragmentos de cerâmica (19), um núcleo e uma lasca em quartzito **Contexto geomorfológico:** Encosta suave com pendente para sul - sudoeste **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 630,8 / 4427,6 **Descrição:** Ocorrência em pequena área de fragmentos de cerâmica e indústria lítica em sílex e quartzito. Observou-se um bloco de granito de formato suboval (125cm de comprimento, 64cm de largura e 20cm de espessura), regular, afeiçoado. Está em posição horizontal e parcialmente enterrado. Eventual tampa de sepultura.



Número de ordem: 38 e 39 **CNS:** 11198 **Topónimo:** Ribeiro do Mioso **Tipo de sítio:** Vestígios de superfície **Data da descoberta:** 27.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Lardosa **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230, caminho que se dirige ao Monte de São José ou do Visconde e daí para norte, depois atravessar a ribeira do Mioso **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Neolítico e Época Romana **Classificação:** Não tem **Conservação:** Indeterminado **Uso do solo:** Agrícola e florestal (nas cumeadas) **Coberto vegetal:** Carvalhos (nas cotas mais elevadas) **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Fragmentos de cerâmica comum (8), um núcleo, uma lasca e um instrumento, em quartzito **Contexto geomorfológico:** Vale de linha de água afluente da ribeira do Mioso **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,2 / 4428,2 **Descrição:** Ocorrência dispersa de cerâmica comum, junto ao marco SH 439. Junto do marco SH 435 observaram-se seixos rolados, com talhe, muito dispersos e em pequena quantidade.

Número de ordem: 40 **CNS:** 11261 **Topónimo:** Giesteira - Ribeiro do Mioso 1 **Tipo de sítio:** Vestígios de superfície **Data da descoberta:** 27.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Fundão **Freguesia:** Soalheira **Lugar:** Lardosa **Acesso:** Caminho rural que liga Vale Irvalho a Mioso **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Neolítico **Classificação:** Não tem **Conservação:** Indeterminado **Uso do solo:** Agrícola e baldio **Coberto vegetal:** Pinhal e arbustos **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Fragmentos de cerâmica (13), lascas em quartzito (2) e uma machadinha em xisto anfíbólico, sem vestígios de utilização, mas incompleta devido a quebra recente **Contexto geomorfológico:** Cumeada entre os ribeiros do Mioso e de Água d'Alte **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,4 / 4428,7 **Descrição:** Pequeno conjunto de achados cerâmicos e líticos na margem esquerda do ribeiro do Mioso, junto do marco SH357.

Número de ordem: 41 **CNS:** 11260 **Topónimo:** Monte de São José ou do Visconde **Tipo de sítio:** Vestígios de superfície **Data da descoberta:** 28.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Lardosa **Lugar:** Lardosa **Acesso:** Caminho rural que liga O monte de São José ao ribeiro do Mioso **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Neo-Calcolítico **Classificação:** Não tem **Conservação:** Indeterminado **Uso do solo:** Agrícola e baldio **Coberto vegetal:** Carvalhos associadas a afloramentos **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Fragmentos de cerâmica (32), lascas e resto de indústria em quartzito (7) e em sílex (2) **Contexto geomorfológico:** Encosta suave sobre o ribeiro do Mioso **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,8 / 4427,5 **Descrição:** Ocorrência de cerâmica e líticos, a meia encosta e em redor de um afloramento granítico com a forma mamilar. Dos fragmentos de cerâmica destacam-se um fragmento com vestígio de colo, um fragmento de vaso esférico e bordos. Dimensões do afloramento: 270cm de diâmetro na base, 143cm de diâmetro da parte saliente e 64cm de altura máxima.



Número de ordem: 42 **CNS:** 11261 **Topónimo:** Giesteira - Ribeiro do Mioso 2 **Tipo de sítio:** Vestígios de superfície **Data da descoberta:** 28.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 380m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Fundão **Freguesia:** Soalheira **Lugar:** Lardosa **Acesso:** Caminho rural que liga Vale Irvalho a Mioso **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Neolítico **Classificação:** Não

tem **Conservação:** Indeterminado **Uso do solo:** Agrícola **Coberto vegetal:** Olival **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Fragmentos de cerâmica (6), indústria em quartzito (3) e em sílex (1) **Contexto geomorfológico:** Cumeada entre os ribeiros do Mioso e de Água d'Alte **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 629,5 / 4428,7 **Descrição:** Ocorrência de fragmentos de cerâmica, de um fragmento de lâmina de sílex castanho – avermelhado e de lascas em quartzito em linha de divisória de águas e o início de vertente inclinada para sul - sudeste.

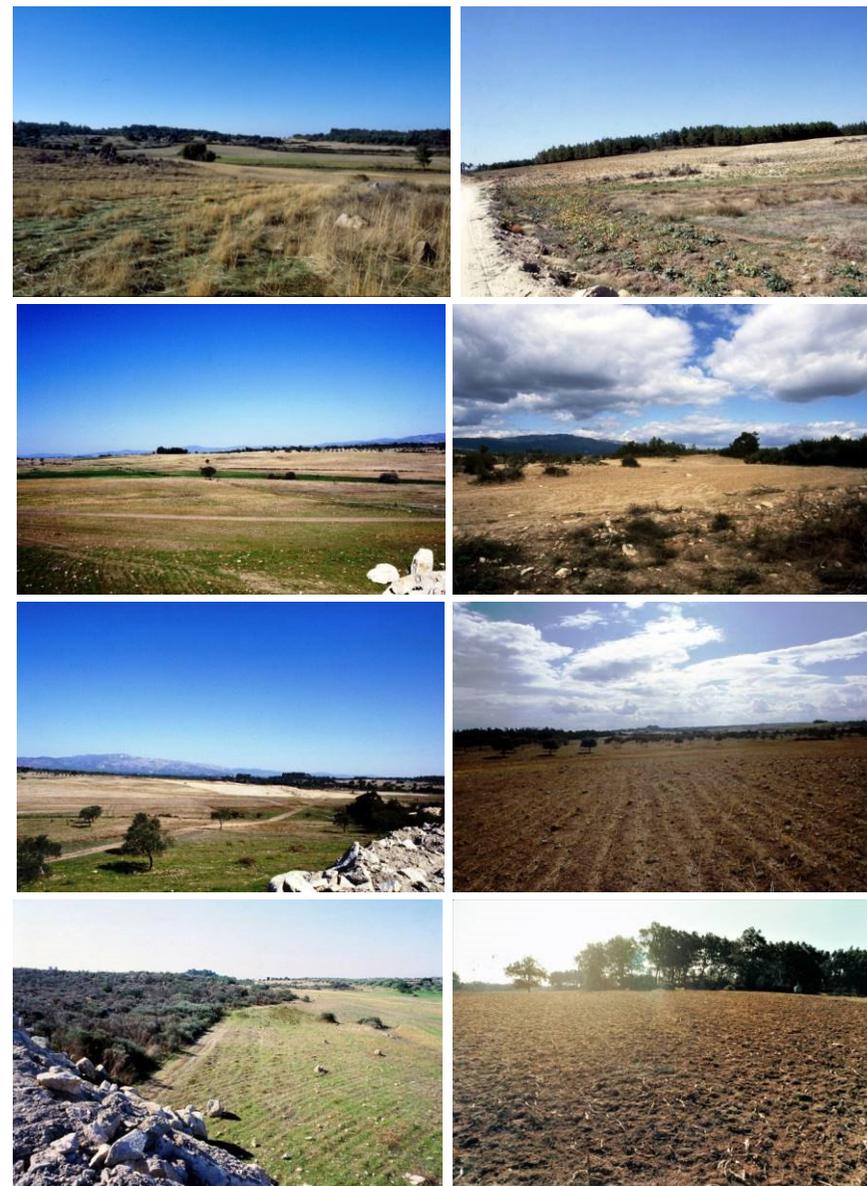
Número de ordem: 43 **CNS:** 11262 **Topónimo:** Giesteira **Tipo de sítio:** Vestígios de superfície **Data da descoberta:** 28.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 390m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Fundão **Freguesia:** Soalheira **Lugar:** Lardosa **Acesso:** Caminho rural para o Monte das Giesteiras **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Época Romana **Classificação:** Não tem **Conservação:** Indeterminado **Uso do solo:** Agrícola **Coberto vegetal:** Olival **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Sem registo **Contexto geomorfológico:** Encosta suave para o ribeiro de Água d'Alte **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 630,0 / 4429,1 **Descrição:** Ocorrência de cerâmica comum dispersa por área extensa.

Número de ordem: 44 **CNS:** 11266 **Topónimo:** Davida Linda 2 **Tipo de sítio:** Vestígios de superfície **Data da descoberta:** 29.09.1986 **CMP:** 268 **Cota:** 390m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Lardosa **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230 **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Neo-Calcolítico **Classificação:** Não tem **Conservação:** Indeterminado **Uso do solo:** Agrícola **Coberto vegetal:** Herbáceo **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Fragmentos de cerâmica (4) **Contexto geomorfológico:** Interflúvio entre duas pequenas linhas de água, sobranceiro a um afluente do rio Ocreza **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Henriques & Caninas (1986, 1988) **Coordenadas:** 630,8 / 4427,1 **Descrição:** Pequena ocorrência de fragmentos de cerâmica. Neste local também existe um pequeno afloramento de forma mamilar.

Número de ordem: 45 **CNS:** 14151 **Topónimo:** Barreira da Igreja **Tipo de sítio:** Forno **Data da descoberta:** 1987 **CMP:** 268 **Cota:** 371m a 376m **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Castelo Branco **Freguesia:** Póvoa Rio de Moinhos e Cafede **Lugar:** Lardosa **Acesso:** EM 1230 **Categoria:** Arqueológico **Períodos cronológicos:** Época Romana **Classificação:** Não tem **Conservação:** Parcialmente destruído **Uso do solo:** Agrícola **Coberto vegetal:** Herbáceo **Ameaças:** Barragem **Proteção:** Não tem **Tradições locais:** Não identificadas **Espólio:** Tégula completa, ainda que fragmentada **Contexto geomorfológico:** Encosta suave orientada a sul e a nascente **Fiabilidade da observação:** Boa **Bibliografia:** Beirão 1987; Rosa 1987, Carvalho 1991; Carvalho & Pinto 1992-1993, Carvalho 1994 **Coordenadas (Gauss):** M-255,3 / P-334,4 **Descrição:** Forno de cerâmica posto a descoberto durante os trabalhos de terraplanagens e extração de terras associadas à construção da barragem da Marateca. Carvalho (1991:343) afirma que "... puseram a descoberto diferentes estruturas de construção do período romano. Destas, despertou particular interesse um edifício abobadado, com arcaria e pavimento suspenso que, após "investigação" prévia, foi de imediato arrasado. Os trabalhos continuaram até se proceder, na área confinante, ao achado de um dolium, o que levou o engenheiro responsável a interromper a extração de argilas neste ponto e a deslocar as máquinas para local próximo". Os serviços oficiais (Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro)

foram alertados e os trabalhos de escavação foram entregues a Rogério de Carvalho e a Clara Vaz Pinto, então conservadora do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior. No decurso da intervenção arqueológica foram identificados paredes e pavimentos, no topo do cabeço, e um forno cerâmico, praticamente destruído, numa cota inferior. Depois de limpo verificou-se que a boca do forno e a fornalha tinham desaparecido. Conservava-se parte da câmara de aquecimento. O forno assentava sobre afloramento de granito previamente preparado. A câmara de aquecimento, de planta retangular (375cm x 275cm) com corredor central apresentava “cinco pilares de tijolo correspondentes ao arranque dos arcos que sustentaram a grelha” (Carvalho, 1991:344). A cronologia do forno, tendo em conta apenas elementos tipológicos, medeia entre o século I e século V DC.

Anexo 4 Panorâmicas do vale do rio Ocreza na área da albufeira da Marateca



Anexo 5 Roteiro fotográfico da aldeia de Lardosa



Anexo 6 Notícias na imprensa regional

Reconquista, 2105 (23 maio 1986)



Arco Ogival da ponte romana da Marateca

Património histórico-arqueológico perdido e ameaçado no distrito de Castelo Branco

de Ribeiro

A interioridade, já tão referida e gasta, continua a sua marcha lenta e destruidora. O distrito de Castelo Branco tem manifestações de cultura muito positivas, embora rondando o simbolismo expressivo da arte que "munda" o local. As suas expressões são bastante rudimentares, em termos comparativos. Tudo isto está certo, mas é o que temos e devemos defender.

Os vestígios histórico-arqueológicos são abundantes, embora nem sempre aproveitados e, por vezes, até criminosa-mente, abandonados ou destruídos. Este factor é tanto mais grave quanto as entidades competentes podiam e deviam impedir tais destruições e não o fazem (se até não chegam a impedir que "carolas" particulares avivem tal devastação cultural...). É urgente que, de uma vez por

todos, se já defendido o valioso e já tão referido património que as barragens de Meimoa e Marateca irão destruir. Concretamente, seria que poderemos, num futuro próximo, escrever um título como o que o jornal "Correia da Manhã", de 18-5-86, refereia: "Barragem engoliu Santuário do Tejo" de pois de já não haver qualquer hipótese de salvação).

O complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo foi uma luta

impar para se conseguir salvar, graças aos esforços de um grupo de Arqueólogos que hoje tornam o estádio ornado da cultura em Portugal. A esses, daqui lhes pedimos que voltem a impedir que as Barragens da Marateca e Meimoa engulam um precioso espólio, com incidência para vestígios romanos. As urgências sempre tiveram prioridades. É preciso que

CONT. PÁG. 5

Património que desaparece no distrito de Castelo Branco

(Cont. da 1-a pág.)

- IPPC - Instituto Português do Património Cultural deite mãos à obra. O mesmo apelo lançamos ao Museu Tavares Proença Júnior, em Castelo Branco, agora inscrito no PIDAC com uma verba substancial de 7.500 contos.

Também as Autarquias de Castelo Branco e Penamacor não podem ficar de braços cruzados. Seria muito bom que um vereador, minimamente sensibilizado para o Pelouro da Cultura não deixasse que o desinteresse seja a causa da inexistência de tais tarefas.

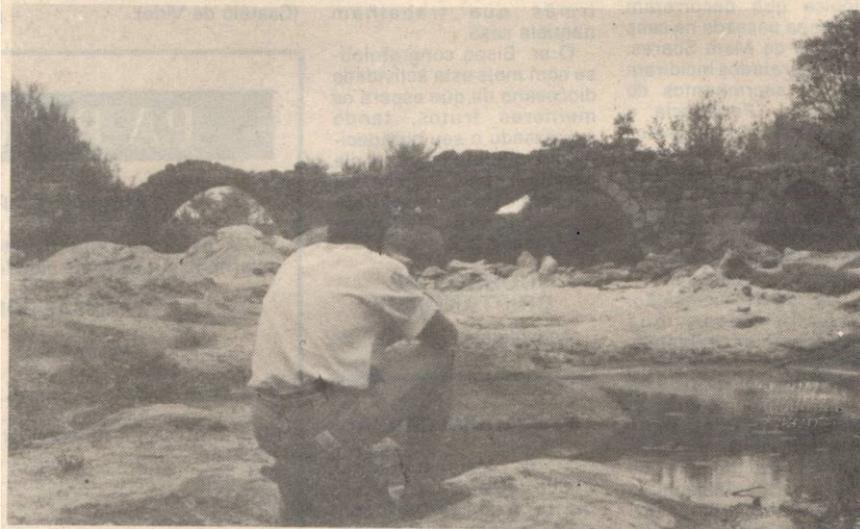
Ainda temos bem presente que no concelho de Castelo Branco, a Anta da Silveirinha, com a abertura da beneficiação da estrada de Castelo Branco—Sarnadas, desapareceu sem que alguém o impedisse. O mesmo aconteceu ao forno romano do Ninho do Açor, bem como uma estação romana nas proximidades desta povoação. Estes são exemplos entre outros. Não queremos que o mesmo venha a acontecer a

estas duas zonas referidas — Meimoa e Marateca.

J.R.

Reconquista, 2121 (26 setembro 1986)

Ponte romana condenada só uma hipótese: a “transplantação”



Não é, de modo nenhum, para retomar a polémica gerada à volta da barragem da Marateca. Hoje, nada a fazer. A decisão tomada é irreversível. Aliás trabalha-se na sua construção com determinação e diligência.

A foto acima reproduz os restos da ponte romana como marco histórico e índice duma civilização que por aqui pairou e deixou marcas indeléveis. Mas — está sentenciado — vai ser submersa pelas águas que ali vão ser represadas. É pena. Parece dizê-lo, também, o turista (por sinal francês) que a contempla absorto depois de a recolher em filme, na altura em que nós fizemos o mesmo.

A pergunta: não seria de tentar o seu “transplante” para um local adequado onde pudesse continuar a exercer a sua função memorativa e cultural?

Não faltam técnicos capazes nem instituições a quem cabe essa missão.

Anexo 7 Comunicação apresentada nas Jornadas da Beira Interior (1986)

Levantamento arqueológico na área a submergir pela barragem da Marateca (Castelo Branco)

FRANCISCO J. R. HENRIQUES*
J. C. PIRES CANINAS*

1. Introdução

Com o objectivo de identificar e cartografar os testemunhos arqueológicos existentes na área a submergir pela albufeira da barragem da Marateca ⁽¹⁾ e propor, além disso, medidas para a sua salvaguarda, o Instituto Português do Património Cultural, através do Departamento de Arqueologia, incumbiu-nos da realização dos trabalhos de campo indispensáveis, na área em causa, cuja campanha decorreu entre os dias 23 e 29 de Setembro de 1986.

2. A região

A área da barragem fica situada a oeste da Estrada Nacional n.º 18, entre Castelo Branco e Fundão, cerca de 3 Km a oeste da Lardosa e, alguns quilómetros mais, a nordeste de Tinalhas e de Póvoa de Rio de Moinhos. A oeste situam-se duas outras povoações, Ninho do Açor e Sobral do Campo. Ao norte destaca-se no horizonte a Serra da Gardunha.

*Investigadores

O acesso à zona central da bacia da barragem, ou seja, à confluência do ribeiro do Mioso no rio Ocreza, faz-se a partir da E.N. n.º 18, junto ao desvio para Lardosa, mas em direcção a oeste, com passagem pelo Monte de São José ou do Visconde (de Tinalhas).

O território situado a norte da confluência do ribeiro da Borrallheira no ribeiro do Mioso, e enquadrado por estes cursos de água, pertence ao concelho do Fundão, estando toda a restante área de submersão no concelho de Castelo Branco, sendo aí partilhada por diversas freguesias.

A região é marcada pela convergência de diversos cursos de água, com destaque para o rio Ocreza, o único que durante o estio mantém água corrente, sendo os outros dois, o ribeiro do Mioso e o ribeiro da Borrallheira.

Na morfologia poderá considerar-se uma peneplanície, sendo as elevações suaves e as linhas de água pouco ravinadas. Os terrenos são predominantemente arenosos. As margens planas dos três principais cursos de água estão ocupadas por aluviões modernos, de terras castanhas e finas. São inúmeros os afloramentos correspondentes ao maciço granítico que abrange toda a região em estudo. Têm quase sempre pequeno desenvolvimento em superfície. Também se encontram vestígios da ocorrência de filões de quartzo leitoso. Não existem cascalheiras (calhau rolado).

Todos os terrenos não ocupados por afloramentos graníticos são utilizados na agricultura, sendo as principais espécies vegetais, o milho, o feijão-frade e o centeio. Como espécie florestal predominante, e espontânea, encontra-se o carvalho (*Quercus Pyrenaica*), quase exclusivamente limitado às manchas de afloramento. Outrora, antes da extensiva exploração agrícola do solo, deveria ter constituído uma densa floresta. São de assinalar ainda, circunscritas manchas de pinhal. Existem alguns olivais, geralmente novos, e poucos sobreiros. Os três principais cursos de água estão quase completamente limitados por renques contínuos de frondosas árvores. Entre os tipos arbustivos merece realce a giesta.

Não existe nenhuma povoação na área abrangida pela albufeira da Barragem da Marateca. No seu domínio ou zona próxima existem diversos «montes» (com a casa do proprietário, os estábulos, as queijeiras e outras instalações, por vezes separadas) e casas isoladas, uma parte das quais em estado de longo abandono e ruína.

São magníficos os muros de suporte que limitam o curso do rio Ocreza, e os açudes que o atravessam. Estas obras merecem destaque, quer pelas dimensões globais, quer pelo tamanho dos blocos graníticos, paralelepípedicos, que empregam.

3. Trabalhos de campo

Antes desta campanha ter sido empreendida já a região tinha sido visitada, tendo em vista, igualmente, a identificação de vestígios arqueológicos.

Em «Informação Arqueológica» (2), Joaquim Batista e José Henriques registam uma estação arqueológica que atribuem, duvidosamente, ao Calcolítico, no Vale da Vinha.

Da Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos obtivemos informação quanto a alguns valores arquitectónicos e arqueológicos, sujeitos a submersão. Trata-se da Capela de Santa Águeda, de uma lagarixa situada junto daquele templo, e, no rio Ocreza, a chamada Ponte Romana e a calçada associada (descobertas de Joaquim Batista e José Henriques).

Podemos considerar-se razoável o número de locais identificados, com interesse arqueológico. Não foram encontradas grandes estações arqueológicas, no sentido de uma grande quantidade, variedade ou qualidade de achados superficiais. Na generalidade das estações de superfície, a inexistência de suficientes pistas tipológicas, na decoração e nos perfis dos recipientes cerâmicos, por exemplo, impede-nos de adiantar, para já, uma atribuição cronológica mais precisa.

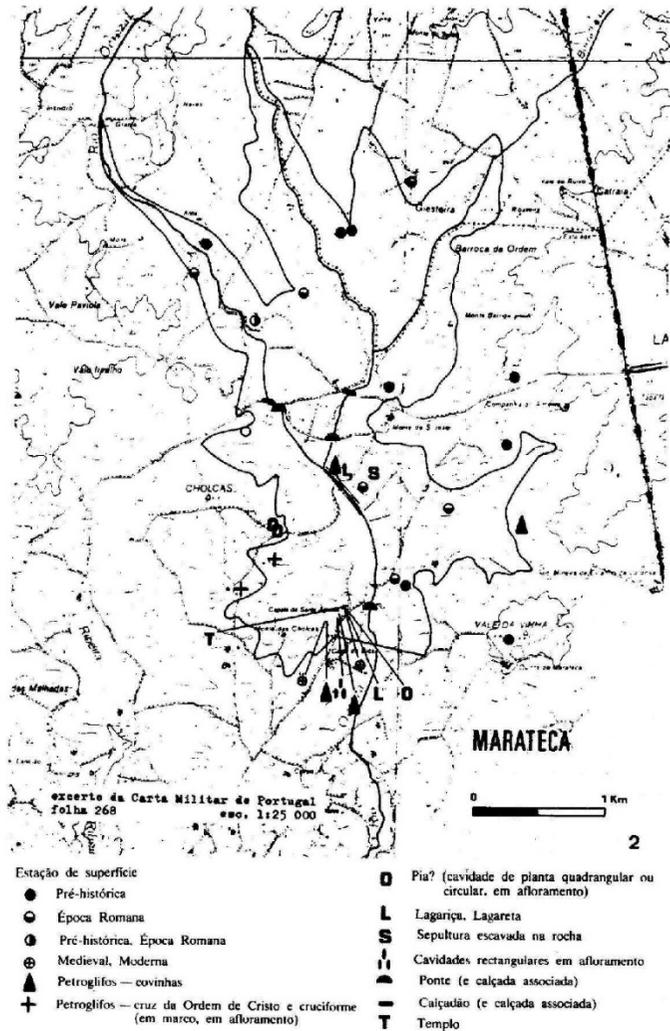
Apesar de confrontados com pequenas estações arqueológicas, no que concerne aos supostos núcleos habitacionais que acompanham os principais cursos de água, nem por isso deixará de se revelar importante o estudo destes vestígios do povoamento antigo nesta pequena bacia hidrográfica.

Uma das características comum a um certo número desses locais é revelar entre o topo e a meia encosta.

O mapa da fig. 2 é elucidativo quanto à variedade e distribuição geográfica dos principais achados realizados antes e durante esta campanha. De uma notícia mais desenvolvida constarão outros vestígios de menor importância, como sejam os achados isolados.

4. Medidas de salvaguarda do património

Nos últimos tempos, a imprensa regional tem veiculado algumas opiniões quanto à salvaguarda do património construído sujeito a submersão pelas águas. Em concreto, tem-se focado, insistentemente, o caso da chamada Ponte Romana que se localiza escassos metros a montante da barragem. Essa fixação explica-se pelo desconhecimento do restante património existente na área e entretanto identificado. Num desses artigos, aponta-se como única solução a transplantação da ponte.



194



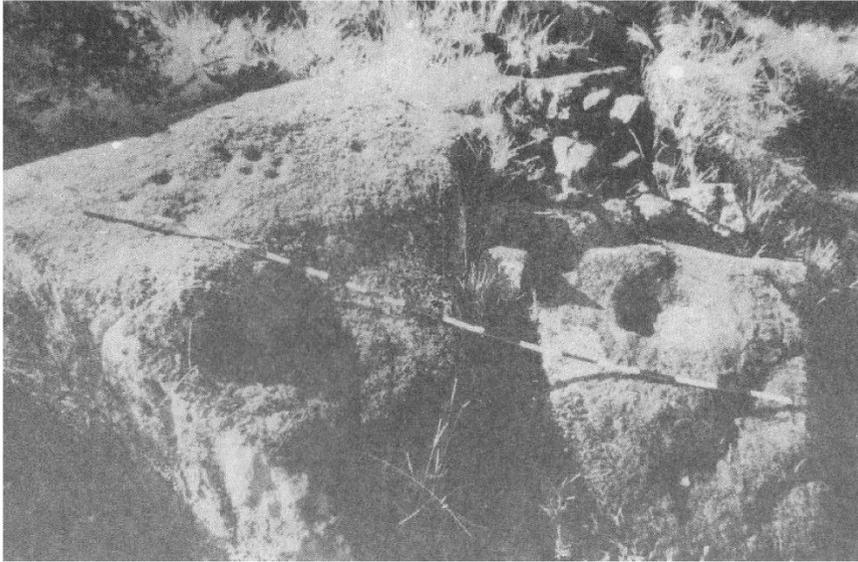
Um aspecto da paisagem

195



A "Ponte Romana", a leste da Capela de Santa Águeda

196



Rocha com covinhas a Norte de vale da Vinha

197



Afloramento em torno do qual se revela uma estação pré-histórica (Junto ao Monte de São José)

198